



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
ROSA LÚCIA GÓES ESPÍNDULA

**"OS CONTOS AMAZÔNICOS COMO PROPOSTA DE ENSINO NA FORMAÇÃO
LEITORA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (E.J. A)".**

ABAETETUBA
2013

ROSA LÚCIA GÓES ESPÍNDULA

**"OS CONTOS AMAZÔNICOS COMO PROPOSTA DE ENSINO NA FORMAÇÃO
LEITORA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (E.J. A)".**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras, Parfor Letras Língua Portuguesa, Faculdade de Ciências da Linguagem, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado Pleno em Letras.

Orientador(a): Prof.(a) Leiliane Nascimento da Silva

ABAETETUBA
2013

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

E77c Espíndula, Rosa Lúcia Góes.
Os contos Amazônicos como proposta de ensino na formação
leitora na educação de jovens e adultos (E.J.A) / Rosa Lúcia Góes
Espíndula. — 2013.
79 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^ª. Leiliane Nascimento da Silva
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2013.

1. Lendas Amazônicas . 2. Formação leitora . 3. Gênero
textual. I. Título.

CDD 469.07

ROSA LÚCIA GÓES ESPINDULA

**"OS CONTOS AMAZÔNICOS COMO PROPOSTA DE ENSINO NA FORMAÇÃO
LEITORA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (E.J. A)".**

Banca Examinadora

Profa. Leiliane Nascimento da Silva
(Orientador)

Prof.
(Examinador)

Apresentado em: ___ / ___ / ___

Conceito: _____

ABAETETUBA
2013

Dedico este trabalho ao meu esposo,
amigo e companheiro Raimundo Vasconcelos
Lira, pelo apoio dado e pelas longas horas de
espera no decorrer desta caminhada.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho, apesar de ser fruto de escolha e empenho individuais, recebeu contribuições importantíssimas no momento de sua concepção, elaboração e finalização. Muitas pessoas colaboraram para que chegasse ao resultado aqui apresentado. A elas, nosso agradecimento profundo pelo apoio e compreensão em toda a nossa caminhada. Há aqueles, contudo, que nós não poderíamos deixar de mencionar... Para esses, em especial, manifestamos nossa sincera gratidão:

- a Deus, por ter nos acolhido em seus braços, principalmente nos momentos mais difíceis e pelo encorajamento na realização desta pesquisa.

- aos professores do Programa Formação de Professores – PARFOR Abaetetuba - PA, na pessoa do Prof. Mest. Alessandro Nobre Galvão e Prof. Drº Beniltom Cruz, pelo nosso crescimento intelectual;

- às Professoras Patrícia Almeida e Rejane Garcez, pela orientação competente e segura no decorrer do estágio;

- ao Prof. Jorge Andrade, pela contribuição e pelo apoio na execução da pesquisa e do estágio;

- à Profª Tainara Vulcão e ao meu filho Raimundo Júnior pela criteriosa leitura e sugestões de organização textual deste trabalho;

- a toda a comunidade do colégio que abriu suas portas para a pesquisa e, que, embora permaneça no anonimato, sabe de sua importância para este trabalho;

- ao meu pai, pelo exemplo de vida e estímulo ao estudo e que, mesmo não estando mais presente, continua em meu coração;

- à minha amiga Nilzete Moraes, pelas longas conversas, pelos sábios conselhos, pelo encorajamento nos momentos mais angustiantes desta caminhada, pelos desabafos e por ter compartilhado momentos difíceis, comuns em percursos desafiadores;

- aos meus amigos e irmãos, que souberam entender o meu afastamento durante a realização deste trabalho;

- aos meus filhos Raphael Lira e Rafaela Lira, que sempre me apoiaram nesta caminhada;

- às amigas Maria Lúcia, Regina Maria, Dora Irene, Cilene, Luciléia e Denise, pelas contribuições na realização dos estudos.

”Ler é entrar em outros mundos possíveis. É indagar a realidade para compreendê-la melhor, é se distanciar do texto e assumir uma postura crítica frente ao que se diz e ao que se quer dizer, é tirar carta de cidadania no munda da cultura escrita...” (Delia Lernerer,2002: 73)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal compreender, através da análise dos dados coletados na Escola Estadual De Ensino Fundamental e Médio José Maria De Moraes, localizado no Bairro Novo, município de Barcarena - PA, o processo de aprendizagem na formação leitora de alunos da quarta etapa da Educação de Jovens e Adultos – EJA. Para atingir tal objetivo realizamos o levantamento do referencial teórico pautando-nos nas teorias as quais se referem ao uso dos gêneros textuais como imprescindíveis a qualquer projeto de intervenção didática, pois segundo Schneuwly & Dolz (1997), “o gênero trabalhado como objeto de ensino-aprendizagem é sempre uma variação do gênero de referência”. Tomamos como referenciais aquelas que também tratam a leitura como sendo indispensável para a inserção ao mundo do conhecimento e do aperfeiçoamento, tais como: “A importância do Ato de Ler” de Paulo Freire, “Estratégia De Leitura” de Isabel Solé, “Ler e Escrever na Escola: O Real, O Possível e o Necessário” Delia Lenner, entre outros. O tema foi escolhido porque acreditamos que nesta modalidade de ensino, o uso deste gênero discursivo podem reconfigurar a prática pedagógica em sala de aula e o cotidiano escolar. Pretendem-se com este trabalho apresentar o gênero textual, mais precisamente os Contos Amazônicos como objetivo de ensino da língua, nas séries finais da Educação de Jovens E adultos (E.J. A). Visto que através deste suporte acreditamos que é possível estabelecer relações entre a aprendizagem e o uso social que o falante faz da língua. Nesta perspectiva entende-se que o estímulo ao hábito de leitura, através dos contos amazônicos, pode contribuir para a aquisição de múltiplos saberes, e nada mais justo aliar esta formação à aquilo que tanto proporciona interesse e prazer tanto aos jovens como aos adultos. Visto que entre os desafios da modalidade de ensino da EJA, inclui-se também a preparação dos alunos para o mercado de trabalho, o que ganha destaque na atual conjectura educacional do país. Até porque é postulado pela LDB 9394/96, a qual determina no Art. 1º. (...) § 2º em que diz que “a educação escolar deverá vincular-se ao mundo e à prática social”. Dessa forma, o professor, para atuar e desenvolver uma aprendizagem significativa, deve estar sempre em busca de novos recursos metodológicos.

PALVRAS CHAVES: Lendas Amazônicas, Formação Leitora, Gênero textual.

ABSTRACT

The main goal of this dissertation comprehend, by analyzing data collected at the State Elementary School and High School “José Maria Machado, located in Bairro Novo, City of Barcarena-PA, the process of learning in the reading formation of students of the fourth stage Education for Young and Adults (Educação de Jovens e Adultos – EJA). To reach that goal, a survey on the theoretical reference based on the theories which refer to the use of the textual genders as necessary to any project of didactic intervention was done. That’s because, according to Schneuwly & Dolz (1997), “the gender that was worked on as object of teaching–learning is always a variation of the gender of reference”. This dissertation also includes, as references, authors that treat the reading as being indispensable to the world of knowledge and improvement, such as Paulo Freire in the book “The importance of the Act of Reading” (A Importância do Ato de Ler), Isabel Solé in “Reading Strategy” (Estratégias de Leitura) and Delia Lenner’s “Reading and writing in School: The Real, The Possible and The Necessary” (Ler e Escrever na Escola: O Real, O Possível e o Necessário), among others. The theme was chosen because it’s believed the in this teaching modality, the use of the discursive gender can reset the pedagogical practice in the classroom and the school’s daily life. The work presented the textual genders, where the Amazonic Tales were emphasized, aiming at the teaching of the Portuguese language, in the final grades of EJA, for by means of this support, it was believed that it’s possible to establish relations between learning and the social use the speaker makes of the language. This perspective means that stimulating the reading habit through the Amazonic tales can contribute to the acquisition of multiple knowledge areas and it is fair link this formation to what arouses interest and delights both young people and adults. Among the other challenges of the EJA teaching modality, it is also included the students’ preparation for the job market, which is highlighted in the country’s educational current conjecture. This is postulated by LDB 9394/96, which states in Article 1. (...) § 2, which says that “schooling should bind themselves to the world and social practice”. Thus, in order for the teacher act and develop meaningful learning, he/she is always look for new methodological resources.

KEYWORDS: Amazoic tales, Reading formation, Textual Genders.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. LENDAS AMAZÔNICAS: CONCEITO E A CONSTRUÇÃO DESSAS NARRATIVAS COMO PROPOSTA DE ENSINO PARA O EJA.	12
1.1 – LEITURA: UMA QUESTÃO DE ORALIDADE, COMPREENSÃO E PRODUÇÃO TEXTUAL.	16
2. GÊNEROS TEXTUAIS EM SALA DE AULA.	21
2.1 – LENDAS AMAZÔNICAS COMO PROCESSO REFLEXIVO SOCIOCULTURAL.	22
3. LEITURA: AS ESTRATÉGIAS DE LEITURA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM FORMANDO LEITORES	27
3.1 – O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM COM OS CONTOS AMAZÔNICOS FORMANDO LEITORES NO EJA	32
ANÁLISE DOS RESULTADOS	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45
ANEXO 1 – LENDAS AMAZÔNICAS	48
ANEXO 2 – QUESTIONÁRIO DE LEVANTAMENTO DE DADOS	77

INTRODUÇÃO

O trabalho com a prática da leitura e os gêneros textuais na sala de aula ainda é cercado de muitas lacunas teórico-metodológicas, especialmente nas séries iniciais que, em linhas gerais, ainda tende a gramaticalizar o gênero.

Especialmente hoje quando estamos rodeados de informação, via televisão, internet, revistas. É preciso resgatar a importância do ato de ler e a qualidade do conhecimento obtida nessa leitura. Exatamente por isso que o objetivo deste trabalho é apresentar uma proposta de uma sequência didática (DOLZ & SCHNEUWLY, 2004; BRONCKART, 2008), voltada para o reconhecimento e leitura do gênero textual Lendas Amazônica, intitulada: "Os Contos Amazônicos como proposta de ensino na formação leitora na Educação de jovens e adultos EJA".

No que concerne de forma específica o trabalho com os gêneros textuais para as aulas de leitura, a dificuldade inicial, quer que seja do professor em exercício ou de seu aluno, já aparece no momento do reconhecimento do gênero. Outro fato a ser levado em consideração quanto ao trabalho envolvendo gêneros textuais é a fala e a escrita até porque elas estão intrinsecamente ligadas à leitura e ao cotidiano do homem.

O que talvez não esteja tão evidente é o fato de que, atualmente, o ensino tradicional de Língua Portuguesa na escola (tanto pública como particular), salvo a algumas exceções, de maneira em geral, não criam e nem dão condições para que os alunos vivenciem a prática da leitura em sala de aula (a maioria deles apenas reconhece) a própria formalização da linguagem oral.

Percebe-se ainda, que a escola utiliza e cobra dos estudantes a variante-padrão (linguística) socialmente prestigiada. O ato de discursar/falar em público ou escrever para outros, se constitui num desafio que poderá ser vencido se houver condições de possibilidade para que se operacionalizem estas práticas, porquanto raras são as situações reais de uso da linguagem oral e até mesmo da escrita nas atribuições sociais por parte dos alunos fora do ambiente escolar.

A partir das problemáticas acima citadas, o tema foi escolhido porque acreditamos que nesta modalidade de ensino, o uso deste gênero discursivo pode reconfigurar a prática pedagógica em sala de aula e o cotidiano escolar. Em linhas gerais a problemática surgiu junto ao tema através das observações e reflexões ao longo das nossas vivências profissionais.

Pretendem-se com este trabalho apresentar o gênero textual, mais precisamente as Lendas Amazônicas como objeto de ensino da língua, nas séries finais da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Visto que através deste suporte acreditamos que é possível estabelecer relações entre a aprendizagem e o uso social que o falante faz da língua. Dentre os específicos destacamos primeiramente a utilização das lendas amazônicas no ambiente escolar como subsídio na formação de leitores autônomos e produtores de texto na EJA. Posteriormente apontamos a contribuição das lendas amazônicas para a aquisição do hábito de ler e por fim ressaltamos a utilização das lendas como meio de interação socioeducativa na prática tanto da leitura como da oralidade e escrita.

No que se refere ao uso de contos amazônicos como ferramenta de ensino na EJA, em contribuição na formação de leitores, iremos nos pautar nos estudos e pesquisas de autores que nos dão apontamentos e que nos guiam a praticar o uso dos gêneros textuais e as estratégias de leitura de modo interativo nas práticas de ensino - aprendizagem. Desta forma apresentamos a seguir os principais referenciais teóricos que embasaram este trabalho.

Pautamo-nos nas teorias as quais se referem ao uso dos gêneros textuais como imprescindíveis a qualquer projeto de intervenção didática, pois segundo Schneuwly & Dolz (1997), “o gênero trabalhado como objeto de ensino-aprendizagem é sempre uma variação do gênero de referência”. Tomamos como referencial também aquela que trata a leitura como sendo indispensável para a inserção ao mundo do conhecimento e do aperfeiçoamento tais como: “A importância do Ato de Ler” de Paulo Freire, “Estratégia De Leitura” de Isabel Solé, “Ler e Escrever na Escola: O Real, O Possível e o Necessário” Delia Lenner, , “PCN’S de Língua Portuguesa: a prática em sala de aula” / Eliana Viana Brito, José Miguel de Matos e Harumi Piscioti, “Fala e Escrita” Luiz Antônio Marcuschi e Ângela Paiva Rodrigues entre outros. Portanto, este trabalho foi dividido em três capítulos e três subcapítulos.

O primeiro capítulo **“Lendas Amazônicas: Conceito e a construção dessas narrativas como proposta de ensino para o EJA”**. Neste capítulo será feita uma breve abordagem da conceituação da narrativa “Lendas Amazônicas” evidenciando-se fatores do seu contexto histórico sociocultural na construção de saberes, bem como apresentará sua aplicabilidade quanto objeto de aprendizagem da modalidade de Ensino da Educação de Jovens e Adultos. Toda via, também será apresentada a fundamentação política pedagógica da EJA. Ressalta-se que este capítulo tem um subcapítulo intitulado de **“Leitura: uma questão de Oralidade, compreensão e produção textual”**, o qual tem por finalidade discorrer e evidenciar questões pertinentes a importância do hábito da leitura na formação cidadã do indivíduo, bem como abordar a correlação entre a Leitura, Oralidade e Escrita.

No segundo capítulo “**Gêneros Textuais em sala de aula**”, será feita uma apreciação em linhas gerais a respeito dos Gêneros Textuais em consonância ao eixo teórico central do interacionismo sócio discursivo, de maneira que as estratégias utilizadas na inserção dos gêneros como objeto de ensino evidenciaram o Uso → Ação → Reflexão. Ressalta-se:

A saber: Gêneros textuais são grupos de textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo composição característica. Os gêneros são inúmeros romances, notícia, bula, música, carta, piada, bilhete, bate-papo, telefonema, bula, receita, conto, entre outros. (Material Didático, 2007:4)

Desta fora os gêneros textuais serão apresentados como eixo propulsor de um ensino contextualizado em qualquer e para qualquer área de conhecimento.

Destaca-se que este capítulo tem um subcapítulo designado “Lendas Amazônicas como processo reflexivo sociocultural”, este subcapítulo irá fazer um apanhado geral de todos os questionamentos levantados ou abordados desde o início do presente trabalho. Porém evidenciará as teorias consideradas mais importantes para o aprofundamento das discussões.

Já o terceiro capítulo “Leitura: As estratégias de leitura no processo de ensino-aprendizagem formando leitores” o qual também tem um subcapítulo denominado “O processo de ensino-aprendizagem com os contos amazônicos formando leitores no EJA.” Têm a perspectiva de inferir discussões e reflexões a respeito da importância das estratégias de leitura para a aquisição de aprendizagens dos jovens e adultos, pautados em documentos oficiais sendo Os Parâmetros Curriculares Brasileiros e abordagens de alguns renomados pesquisadores e autores como: Isabel Solé, Delia Lenner, Paulo Freire e outros.

1 – LENDAS AMAZÔNICAS: CONCEITO E A CONSTRUÇÃO DESSAS NARRATIVAS COMO PROPOSTA DE ENSINO PARA O EJA.

O trabalho com textos em sala de aula ganhou um enfoque especial no momento em que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa evidenciaram a sua importância. Paralelamente com a proposta de leitura e produção de textos, surge a necessidade de se trabalhar os gêneros discursivos e textuais. Os quais apresentam o desenvolvimento das capacidades de leitura e de produção de texto como devendo ser o objetivo central da escola, relacionando-o ao ensino de diferentes gêneros textuais.

Assim, consideramos que, a partir das lendas Amazônicas, torna-se possível à escola formar leitores e produtores de textos, tanto orais como escritos. Visto que são narrações que são repassadas de geração a geração. E que podem ser essenciais para o desenvolvimento dos indivíduos, na medida em que contribuem para a compreensão de si e do outro. Com a narrativa, “os sujeitos constroem sua compreensão das ações humanas, ao mesmo tempo em que constroem uma compreensão de seu estatuto de agente” (Bronckart, 1997; 1999:61).

Desta forma, consideramos que as Lendas Amazônicas podem ser utilizadas como objeto de ensino-aprendizagem, por serem narrativas que levam a muitas reflexões, pois possibilitam aos sujeitos interagirem através das narrações com seus antepassados, já que estas são repassadas de geração para geração. Assim como também, influenciam a valorização da cultura de um povo. Além do mais, há vários outros valores representados em cada uma das histórias, mas o mais importante é perceber que, em conjunto, elas mostram formas de explicar o mundo, de expressar sentimentos, anseios, temores, enfim, são maneiras de interpretar a realidade, criadas há muito tempo e transmitidas oralmente, como forma de ensinamento entre pais e filhos.

Antes de definirmos o que é Lenda Amazônica, vale ressaltar que segundo vários pesquisadores, como Maria Do Carmo Pereira Coelho (*As Narrações Da Cultura Indígena da Amazônia: Lendas e Historias*. p.9), vários são os aspectos teóricos a ser observar sobre as relações entre “mito” e “lenda”, mas evidenciaremos apenas três os quais consideramos de maior relevância:

O primeiro aspecto a se observar é que tanto o mito quanto a lenda podem ser classificados como “narrativas míticas” que se propõem a explicar a origem ou a razão de um fenômeno. Neste caso, lenda e mito tendem a confundir-se, o que denota a dificuldade de traçar com nitidez as fronteiras entre eles.

Já o segundo aspecto tem a ver com o fato de que as definições de mito são apenas consequência do modo como esse fenômeno tem sido encarado em contextos

culturais determinados. Na prática, verificamos tantas definições quanto os tipos de abordagem ou de posições teóricas assumidas aprioristicamente.

Para o terceiro aspecto, valemo-nos das considerações de Ciappini (apud Brandão e Maria de Jesus, 1999:53), pois, de acordo com essas autoras, o mito e lenda se aparentam, mas também se distinguem. Com o passar do tempo, por exemplo, tais diferenças tendem mais à semelhança que à diferenciação. Segundo o autor, mitos e lendas são conceitos que se referem às narrativas de cunho popular, cuja origem é oral, meio pelo qual elas são passadas de geração em geração. Ambos são a “história miraculosa do sobrenatural” e do que dele se aproxima.

Entretanto ainda segundo a pesquisadora, “há uma observação que se torna necessária, que diz respeito à concepção que os povos indígenas e antropólogos fazem de ambos os termos.” De acordo com Mindlin (apud Brandão e Maria de Jesus, 1999:54), eles se recusam a aplicar às suas narrativas o termo “lenda”, porque, na sua concepção:

a lenda está mais desvinculada do povo, isto é, está menos ligada a um povo específico, enquanto que o mito é o patrimônio cultural de um povo, constituindo-se num elemento de coesão social, de agregação e, em consequência, preservando-lhe a identidade. Apesar dos aspectos fantasiosos, dos elementos fantásticos e aparentemente ilógicos que o povoam, o “mito” é uma verdade para o povo que o cultiva, está profundamente enraizado no seu tecido social, distinguindo-se, portanto, da lenda e, sobretudo da superstição”. (1999: 54).

Tomando como base as discussões acima apresentadas, as Lendas Amazônicas podem ser caracterizadas e definidas como: narrativas que são repassadas de geração a geração; estão intimamente ligadas aos fenômenos da natureza, transmitem ensinamentos e valores sociais e até mesmo religiosos através de seres da natureza; envolvem misticismo e credences populares, procuram explicar a origem da vida, dos alimentos como também dos quatro elementos: Terra, Água, Fogo e Ar.

Nesse sentido, a caracterização do gênero lenda amazônica se apresenta para nós como um desafio, mas ao mesmo tempo uma excelente possibilidade na ação efetiva de ensino-aprendizagem principalmente em Língua portuguesa. Visto que os gêneros textuais articulam as práticas sociais e os objetos escolares, constituindo-se em instrumentos privilegiados para o desenvolvimento das capacidades necessárias à compreensão/ produção oral.

Vale ressaltar que dentro da abordagem literária, as lendas amazônicas vão muito além da tematização da Amazônia. Segundo O poeta Jorge Tufic, no livro *Existe uma literatura amazonense?* A borda que:

o que se pode chamar de Amazônico, em literatura, não é o conteúdo, em seu aspecto de tematização da Amazônia. A literatura narrativa, seja no romantismo, seja no naturalismo, seja no realismo, apenas tematizou a realidade sócia - natural da Amazônia. Mas suas formas (romance, conto, novela), suas linguagens (documental e cientificista) sua sintaxe (do português ibérico) e seus gêneros (trágico e épico) são de matriz europeia.

. Ainda segundo o poeta,

foi a primeira geração modernista (1922-1930) que introduziu a particularidade literária da Amazônia na literatura brasileira. Tendo como influência a literatura oral dos povos indígenas da Amazônia, recolhida pelo poeta e naturalista Brandão de Amorim, autores modernistas como Mário de Andrade e Raul Bopp, criaram obras como *Macunaíma* e *Cobra Norato*. As formas (lendas, fábulas, contos), a linguagem (poética, metafórica, simbólica, mágica, alegórica), a sintaxe (tupinização do português, com o verbo no final, por exemplo) e os gêneros (o cômico, o maravilhoso, o fantástico, o sobrenatural) passaram também a ser Amazônicos, junto com o conteúdo, incluindo a temática e a visão mítica do mundo.

Diante destas abordagens, reafirmamos que as Lendas Amazônicas vão muito além da tematização da Amazônia, pois como vimos, elas só não narram e mostram toda uma vertente regional como também se contextualizam e se estruturam dentro de uma historicidade literária e das práticas sociais.

Assim tendo em vista a elaboração de novas práticas pedagógicas, voltadas para o ensino da Língua Portuguesa, pesquisas sobre a descrição dos gêneros se tornam imprescindíveis a qualquer projeto de intervenção didática, pois segundo Schneuwly & Dolz (1997), o gênero trabalhado como objeto de ensino-aprendizagem é sempre uma variação do gênero de referência. Desta forma, acredita-se que a partir do momento em que os aprendizes compreendem como utilizar um texto representante de um determinado gênero, eles poderão transferir conhecimentos e posicionar-se diante da linguagem de forma mais segura. Portanto, o ensino baseado em gêneros textuais no caso Lendas Amazônicas, parece-nos extrapolar os muros do conhecimento.

Nesta perspectiva, acreditamos que as Lendas Amazônicas são e devem ser usadas como ferramenta no processo de Ensino-aprendizagem em todos os segmentos de ensino. Principalmente no que tange a Educação de Jovens e Adultos. Visto que entre os desafios desta modalidade de ensino, inclui-se também a preparação dos alunos para o mercado de trabalho. Até porque é postulado pela LDB 9394/96, a qual determina no Art. 1º. (...) § 2º. Que “a educação escolar deverá vincular-se ao mundo e à prática social”. Como muito bem discorre Azevedo (2000):

[...] mais do que o sujeito autônomo, autodidata, a sociedade hoje requer um sujeito que saiba contribuir para o aprendizado do grupo de pessoas do qual ele faz parte, quer ensinando, quer mobilizando, respondendo ou perguntando. É a inteligência coletiva do grupo que se deseja pôr em funcionamento, a combinação de competências distribuídas entre seus integrantes, mais do que a genialidade de um só.

É justamente visando esta formação deste sujeito colocada pela LDB e citada por Azevedo, que a EJA requer muita atenção por parte de toda a comunidade escolar, visto que se trata de uma modalidade de ensino destinada a uma clientela de cunho trabalhista, que ainda está em formação e que geralmente está com distorção idade série, por diversos motivos. E que

precisa estabelecimento de políticas educacionais pautadas na finalidade de garantir o direito pertencente a cada um de poder receber de maneira gratuita e com qualidade, a instrução necessária que lhe possibilite uma melhor perspectiva de vida no que se refere ao usufruto de bens e serviços necessários para que se viva com mais dignidade, conforme a orientação do Ministério da Educação (MEC).

Desta forma, a educação de jovens e adultos deve ser pensada como um modelo pedagógico próprio, com o objetivo de criar situações de ensino-aprendizagem adequadas às necessidades educacionais desses alunos, englobando as três funções: a reparadora, a equalizadora e a permanente, citadas no Parecer 11/00 da CEB/CNE.

Vale ressaltar que a resolução acima citada, que ao instituir as Diretrizes Curriculares Nacionais, levou em conta a peculiaridade do ensino voltado para jovens e adultos, apontando que sua identidade se constrói, sobretudo, ao considerar a situação, o perfil e a faixa etária desses alunos, tendo por princípio a equidade, a diferença e a proporcionalidade na apropriação e contextualização das diretrizes curriculares nacionais e na proposição de um modelo pedagógico próprio, tendo como função: a Função reparadora, a Função equalizadora e a Função qualificadora.

É justamente pautada nestas funções, principalmente na função equalizadora em que é uma linha na qual a EJA representa uma possibilidade de efetivar um caminho de desenvolvimento a todas as pessoas, de todas as idades, permitindo que jovens e adultos, atualizem seus conhecimentos, mostrem habilidades, troquem experiências e tenham acesso a novas formas de trabalho e cultura. Que esta proposta de ensino “Lendas Amazônicas na Formação Leitora dos Alunos da EJA” foi construída. Até por que a EJA é definida como uma modalidade de ensino da educação básica e como um direito inerente aos cidadãos pela resolução CNE/SEB Nº 11/2000.

Portanto esta proposta buscará intermediar o caminho entre o saber e o construir. A qual foi norteadada por estudos, análise e discussões, de obras que abordam os gêneros textuais, principalmente por documentos que formalizam a EJA no Brasil, publicados pelo Ministério da Educação- MEC.

Entre os principais motivos que direcionaram a construção desse trabalho, está às peculiaridades do ensino destinado a Educação de Jovens e adultos e elaboração de material que possa ser suporte para o trabalho docente. Neste sentido esta proposta tem por finalidade subsidiar o Ensino de Língua portuguesa, dando nova significação para o uso da linguagem. E que acima de tudo contribua para a formação do sujeito leitor.

Para tanto, a proposta enfocará apenas dois eixos temáticos, definidos conforme as orientações do MEC. O primeiro eixo tratará da Oralidade que visa levar o aluno refletir o quanto a linguagem falada é importante pra sua vida, além de possibilitar ao discente fazer oralmente exposições de ideias e opiniões, tendo como suporte debates, seminários, apresentação de trabalhos. Ampliando assim através desses suportes a fala seus conhecimentos, deixando de lado a estigmatização imposta pela escola quanto ao ato de falar certo ou errado em virtude de como ele utiliza a linguagem oral.

O segundo eixo temático refere-se à Leitura, Compreensão e Produção de texto. Este eixo esta direcionado para as praticas de ensino que contribuem de forma significativa para a construção da aprendizagem e para as praticas sociais, no que tange o desenvolvimento humano em todas as áreas do conhecimento, principalmente no que se refere ao ato de ler, compreender e produzir.

1.1 – LEITURA: UMA QUESTÃO DE ORALIDADE, COMPREENSÃO E PRODUÇÃO TEXTUAL.

“Durante a produção de um texto, em geral, prestamos mais atenção à gênese das ideias. Na revisão, percebemos a sua organização e clareza. Já na leitura, a interação social contribui para a tomada de consciência da nossa escrita.”
Mônica de Araújo Saraiva

A língua, seja na sua modalidade falada ou escrita, reflete, em boa medida, a organização da sociedade, revelando instâncias comunicativas e instaurando enunciados por meio dos mais diversos gêneros. Esta organização assinala as tradições de um grupo social e evidencia traços de sua cultura.

Para tanto os conteúdos e habilidades a serem trabalhados para o desenvolvimento pleno do conhecimento da língua portuguesa insere-se nos eixos da Oralidade, no eixo da Leitura, compreensão e produção de texto e no eixo da Análise Linguística.

O eixo da oralidade visa possibilitar ao aluno falante conhecer a importância da língua falada para sua vida, expor oralmente suas opiniões de diversificadas formas como: debates e seminários, ampliar seus conhecimentos dos suportes da fala. Para isso a escola não deve estigmatizar os alunos pela maneira de como ele utiliza a linguagem oral. Classificando-a

como “certa ou errada”. Pelo contrario o ambiente escolar deve levá-lo a entender que esses registros devem estar adequados em cada situação de uso a ao seu interlocutor.

Não se trata de aprender de falar “certo” como prescreve a gramática normativa, mas de aprender a falar em público, monitorar a fala em função da reação da plateia. Tomar nota de aspectos relevantes em uma exposição ou palestra para compreender o conteúdo tratado. Na sociedade brasileira que vem se democratizando, tem sido comum em se deparar com situações em que lideranças, independentemente de seu grau de escolaridade e das variedades linguísticas que falam se legitimam [sic] em função do direito e da justiça das causas que sustentam. Quanto mais diversificados forem às experiências sociais e culturais vivenciadas, mais vontade os alunos da EJA sentirão para atuar em contextos diferentes, ajustando seu modo de falar á maior ou menor formalidade exigida pelo contexto (MEC,2002,p.13)

A oralidade jamais desaparecerá e sempre será, ao lado da escrita, o grande meio de Expressão e de atividade comunicativa. A oralidade enquanto prática social é inerente ao ser humano e não será substituída por nenhuma outra tecnologia. (MARCUSGHI, 2001, p. 36).

Já o eixo que se refere à Leitura, compreensão e produção de texto estão direcionadas, sem dúvida, para o resgate de praticas que contribuem de maneira significativa para a aprendizagem e para o desenvolvimento humano em todas as áreas do conhecimento: O ato de ler, compreender e produzir texto. É com base nesta perspectiva que O ato de ler, não se restringe somente a leitura de um texto. A leitura ocorre de maneira vista, ouvida e falada. CAGLIARI (2009, p.137) em seu livro Alfabetização e Linguística, diz que:

A leitura oral é feita não somente por quem lê, mas pode ser dirigida a outras pessoas, que também “leem” o texto ouvido. [...] Ouvir uma leitura equivale a ler com os olhos a única diferença reside no canal do qual a leitura é conduzida do texto ao cérebro.

Dessa forma, o ato de ler não se resume ao acolhimento passivo do que está sendo exposto ou anunciado, do contrário, leitura explica compreensão, interpretação em entender o que foi lido e confrontar o essas ideias com os conhecimentos, buscar outras fontes e opiniões para reelaborar posicionamentos e convicções.

A dialética do texto realiza-se quando o leitor desempenha seu papel, tão fundamental quanto o papel desempenhado pelo autor. Compreender e interpretar é transformar em atos as possibilidades que o texto deixa em aberto. Por isso, que no trabalho com jovens e adultos, a leitura deve ser prioridade. Ela fornece matéria – prima para elaboração de textos, contribui para a constituição de modelos e coloca o leitor com as formas de organização internas próprias ao gênero (MEC, 2002, p.15).

O eixo da Análise Linguística, está direcionado para que o aluno possa entender o funcionamento da língua, suas características, suas possibilidades, a maneira como ela se organiza, afim que por meio desses conhecimentos ele tenha a capacidade de produzir seus textos de forma adequada às exigências de cada tipo ou gênero textual ou à situação comunicativa.

Assim, nos cursos da EJA, o trabalhos com análise linguística, deve ser antes de tudo, proveitoso. O conjunto de assuntos selecionados tem de estar inseridos em um contexto; deve ser amplamente discutido, para ficar evidenciada sua significação; tem de estar indissociavelmente ligados às práticas de linguagem: á escuta, á leitura e á produção de texto; deve refletir os constantes dos estudos linguísticos e estar sujeito a um processo contínuo da revisão e da crítica (MEC, 2002,p. 17).

Em vista do exposto, acreditamos na importância de a escola colaborar na (re) construção da situação de produção e recepção dos textos a fim de que possamos nos aproximar com maior êxito do objetivo de formar leitores/produtores de textos socialmente eficazes e críticos em favor da cidadania..

Além disso, por entendermos que o objetivo do ensino da língua materna seja ampliar a competência do aluno para o exercício da fala, da leitura e da escrita – ou seja, dar condições para que ele tenha o domínio de atividades verbais como ler criticamente, escrever para alguém ler, falar para auditórios diferenciados dentro da modalidade adequada e refletir sobre a própria linguagem, salientaram a necessidade de a instituição escolar possibilitar que o aluno aprenda a lidar com os diferentes modos de concretização que a linguagem apresenta.

A linguagem está onde o homem está, pela necessidade de interagir, de trocar, de comunicar. Somos seres languageiros. As narrativas, principalmente, marcam a história da humanidade, possibilitando que cada nova geração conheça a História e as histórias das outras gerações que a antecederam. Oraís e escritas, as narrativas compõem um acervo de conhecimentos rico e culturalmente diverso. A escrita e a oralidade estão ligadas e esta relação é rica e complexa. Segundo Schnewly,

Não existe “o oral”, mas “os oraís” em múltiplas formas, que, por outro lado, entram em relação com os escritos, de maneiras muito diversas: podem se aproximar da escrita e mesmo dela depender – como é o caso da exposição oral, ou ainda mais, do teatro e da leitura para os outros –, como também podem estar mais distanciados – como nos debates ou, é claro, na conversação cotidiana. Não existe uma essência mítica do oral que permitiria fundar sua didática, mas práticas de linguagem muito diferenciadas, que se são prioritariamente, pelo uso da palavra (falada), mas também por meio da escrita, e são essas práticas que podem se tornar objetos de ensino. (SCHNEWLY, 2004, p.135)

Conforme os expostos a oralidade e escrita são, portanto, práticas interdependentes nas sociedades atuais e não podem ser tomadas como estanques e isoladas. Trata-se de processos que não são neutros, enquanto condições discursivas das formas de produção de conhecimento, e nem há entre eles uma supremacia em termos cognitivos, pois são modos de representação cognitiva e social que se revelam em práticas específicas.

Portanto, a escola dentro de um contexto cada vez mais tecnológico no qual esta inserida, ainda é um dos espaços mais privilegiados no que se refere ao acesso aos bens culturais, sendo uma das maiores agências de letramento. Dessa forma, torna-se indispensável

esse confronto com diferentes situações de modo que possibilite a ampliação do conhecimento. É o que diz SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J, p. 96:

Criar contextos de produção precisos, efetuar atividades ou exercícios múltiplos e variados: é isso que permitirá aos alunos se apropriarem das noções, das técnicas e dos instrumentos necessários ao desenvolvimento de suas capacidades de expressão oral ou escrita, em situações de comunicação diversas.

Neste sentido a interação pela linguagem se materializa por meio de textos, sejam eles orais ou escritos. É relevante, no entanto, reconhecer que fala e escrita são duas modalidades de uso da língua, que, embora utilizem o mesmo sistema linguístico, possuem características próprias. Cada uma tem sua forma, sua gramática e seus recursos expressivos. Para a compreensão dos problemas da expressão e da comunicação verbais, é necessário evidenciar essa distinção. Assim, a forma de comunicação estabelecida por meio da fala e da escrita constitui modos de representação cognitiva e social que se revelam em práticas específicas na interação pela linguagem. Há deste modo, relações de influência nas modalidades oral e escrita, o que impede que se estabeleça algum tipo de supremacia ou superioridade de alguma delas.

Como sabemos em nossa sociedade, fundamentalmente oral, convivemos muito mais com textos orais do que com textos escritos. Á nossa volta está cheio de textos: conversações entre os familiares, os colegas, as crianças, em casa, no local de trabalho, nas ruas; recados, MSN, torpedo, twitter, informações em outdoors, placas, embalagens; notícias televisivas, novelas, filmes; pesquisas em jornais, livros, sites. Como também é de nosso conhecimento, que todos os povos, indistintamente, têm ou tiveram uma tradição oral e relativamente poucos tiveram ou têm uma tradição escrita. No entanto, isso não torna a oralidade mais ou menos importante que a escrita. Alguns autores destacam que mesmo que a oralidade tenha primazia cronológica sobre a escrita, esta, por sua vez, adquire um valor social superior ao da oralidade.

Segundo Marcuschi (2001), a escrita é uma manifestação formal dos diversos tipos de letramento. Pode de ser vista como essencial para a sobrevivência no mundo moderno. Ela é mais do que uma tecnologia. Por causa de alguns atributos que foram dados à escrita, ela acabou se tornando quase indispensável, e sua prática e avaliação social fizeram com que ela simbolizasse não só educação, mas também desenvolvimento e poder. Ela possui uma face institucional e é adquirida em contextos formais na escola. Por essa razão, ganha um caráter prestigioso. Sendo adquirida na escola, a escrita acaba sendo identificada com a alfabetização e a escolarização.

É importante levar em consideração e valorizar as pessoas que os alunos são, os conhecimentos que têm, principalmente, por meio de seus modos de falar, pelas suas histórias. É necessário fazê-los sentir que podem (isto é, que têm poder) e que devem ousar. Correr riscos para que se confirmem como pessoas capazes e se disponham a trocar de lugar conosco, falando, expondo seus saberes, discutindo. Nesse movimento de falar, de conversar, de ouvir leituras de muitos textos, de discutir e de escrever pensando.

Portanto, ensinar a escrever é uma tarefa de uma escola disposta a olhar para frente e não para a repetição do passado que nos trouxe à escola que temos hoje. Trabalhar com o texto implica trabalhar com a incerteza e com o erro e não com a resposta certa, porque escrever é produzir e não reproduzir velhas certezas, pois as certezas nos deixam no mesmo lugar. É o erro que nos leva na direção do novo.

Por fim, exercício pleno da cidadania passa, necessariamente, pela garantia de acesso aos conhecimentos construídos e acumulados e às informações disponíveis socialmente. E a leitura, a oralidade e a escrita são a chave dessas conquistas.

2 – GÊNEROS TEXTUAIS EM SALA DE AULA.

Trabalhar os gêneros textuais em sala de aula é uma excelente oportunidade de se lidar com a língua nos seus mais diversos usos do cotidiano. Se a comunicação se realiza por intermédio dos textos, deve-se possibilitar aos estudantes a oportunidade de produzir e compreender textos de maneira adequada a cada situação de interação comunicativa.

A melhor alternativa para trabalhar o ensino de gêneros textuais é envolver os alunos em situações concretas de uso da língua, de modo que consigam, de forma criativa e consciente, escolher meios adequados aos fins que se deseja alcançar. É necessário ter a consciência de que a escola é um “autêntico lugar de comunicação” e as situações escolares “são ocasiões de produção e recepção de textos” (Schneuwly e Dolz, 2004, p. 78).

Ao explorar a diversidade textual, o professor aproxima o aluno das situações originais de produção dos textos não escolares. Essa aproximação proporciona condições para que o aprendiz compreenda o funcionamento dos gêneros textuais, apropriando-se, a partir disso, de suas peculiaridades, o que facilita o domínio que deverá ter sobre eles. Além disso, o trabalho com gêneros contribui para o aprendizado de prática de leitura, de produção textual e de compreensão.

Tendo em vista a infinita diversidade de gêneros textuais existentes e em função de nosso objetivo principal – Utilizar as Lendas Amazônicas como instrumento de ensino de Língua Portuguesa, visando a formação leitora dos alunos da quarta etapa (7^a e 8^a séries) – optamos por adotar como eixo teórico central o interacionismo sócio-discursivo, uma vez que o interacionismo-sócio-discursivo encontra-se dentro da corrente maior do interacionismo social, ao qual se filiam várias correntes da filosofia e das ciências sociais, cujo ponto comum é a tese de que as propriedades das condutas humanas são o resultado de um processo histórico de socialização.

Pretendem-se com este trabalho apresentar o gênero textual, mais precisamente os Contos Amazônicos como objeto de ensino da língua. Visto que através deste suporte acreditamos que é possível estabelecer relações entre a aprendizagem e o uso social que o falante faz da língua. De acordo com Antunes (2010, p. 29), “(...) em qualquer língua, e em qualquer situação de interação verbal, o modo de manifestação da atividade comunicativa é a textualidade ou, concretamente, um gênero de texto qualquer”.

Tomando como base a citação acima e levando em consideração o estudo de Marcuschi (2005), segundo o qual, “o trabalho com gêneros textuais é uma extraordinária

oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia-a-dia”, concordamos com a proposta de que os gêneros textuais sejam tomados como objetos de ensino de língua portuguesa. Pois, de acordo com Brandão (2003, p.42), “Do ponto de vista pedagógico, o trabalho com esse tipo de texto vai contribuir para a formação de um leitor mais crítico, capaz de ler nas entrelinhas, desvendando o que aí está apenas insinuado ou simplesmente ocultado”.

Portanto, a aplicabilidade deste recurso requer a reflexão sobre o uso dos diversos gêneros em situações comunicativas nas quais eles se manifestam. Essa concepção de língua/linguagem é apontada nos PCN, em que se considera o gênero textual como o eixo propulsor de um ensino mais contextualizado nesta área, assim:

(...), quando um sujeito interage verbalmente com outro, o discurso se organiza a partir das finalidades e intenções do locutor, dos conhecimentos que acredita que o interlocutor possui sobre o assunto, do que supõe serem suas opiniões e convicções, simpatias e antipatias, da relação de afinidade e do grau de familiaridade que têm, da posição social e hierárquica que ocupam. Isso tudo determina as escolhas do gênero no qual o discurso se realizará, dos procedimentos de estruturação e da seleção de recursos linguísticos. (1998, p. 21).

Com base no que foi referido acima, cabe aos educadores ensinar aos alunos que por meio de um ou mais gêneros pode-se utilizar textos com as mais variadas finalidades, focando ora em seu papel discursivo, ora em sua função gramatical, e com isso trabalhar a sistematicidade dos gêneros em sala de aula, já que o professor é considerado o mediador do conhecimento. Assim, acreditamos que a aplicabilidade dos gêneros textuais nas mais variadas práticas de leituras na escola, principalmente em sala de aula, não somente estimula o hábito da leitura, mas possibilitar a completa interação social da leitura ao cotidiano do sujeito.

2.1 – LENDAS AMAZÔNICAS COMO PROCESSO REFLEXIVO SOCIOCULTURAL.

Acredita-se que a utilização das Lendas Amazônicas possibilita o preenchimento de uma lacuna na formação leitora do indivíduo; sendo que o uso dos contos Amazônicos no processo de ensino-aprendizagem discente, ressalta a importância da cultura popular e a essência do imaginário amazônico, configurando ambos como uma riqueza imprescindível no

processo de ensino/aprendizagem. Uma vez que se visa caracterizar o gênero lenda do ponto de vista discursivo.

Ao citarmos as lendas como um processo reflexivo sociocultural, estamos nos apoiando, como já fora dito, na teoria do interacionismo sócio-discursivo (Bronckart, 1997; 1999). Segundo Bronckart, “os sujeitos constroem sua compreensão das ações humanas, ao mesmo tempo que constroem uma compreensão de seu estatuto de agente” (Bronckart, 1997;1999:61).

Nesta perspectiva, consideramos que os Mitos, as lendas por serem histórias orais, são justamente formas discursivas de revelar as diferentes culturas. Mas ao levantarmos essa questão, temos que ter sempre em mente a diversidade da condição humana e sua existência, uma vez que é a partir dos sentidos de uma dada realidade que se constrói a cultura para aqueles que a vivem.

Ressaltamos que neste sentido as a Lendas Amazônicas podem ser utilizadas como eixo de um processo social e cultural. Uma vez que são apresentadas como narrativas de cunho cultural, que dá embasamento ao indivíduo de compreender, de conhecer, de refletir não somente o mundo que o rodeia, mas de construir e de reconstruir o seu agir e até mesmo o seu pensar. Até porque estas narrativas fazem a interligação do plano real ao imaginário, da matéria ao espiritual e do concreto ao o abstrato. Em suma, são um conjunto de narrativas que viabilizam as várias formas de se explicar e de se entender e interpretar o real e o imaginário.

Porém mesmo sendo uma excelente ferramenta pedagógica ou objeto de ensino, pouca se faz presente nas praticas diárias em sala de aula. O que percebemos é que rara são às vezes em que são utilizadas como tema gerador de aprendizagem, sem ser impulsionadas pelas datas comemorativas ligadas direta ou indiretamente a elas e que fazem parte do calendário escolar, como por exemplo: Nas Feiras Folclóricas, na semana em que se comemora o descobrimento do Brasil bem como no dia do Índio.

Vale ressaltar que a afirmativa acima, baseia-se em nossas reflexões e em nossas observações ao longo das nossas vivências escolares, seja como alunos ou até mesmo como profissionais. No entanto podemos nos apoiar também em algumas pesquisas que até apontam para uma possível valorização da cultura indígena no ambiente escolar, porém não como objeto de ensino especificamente voltada para a formação leitora. Como no caso a da pesquisa desenvolvida por Cari, (2088) que desenvolveu uma pesquisa a fim de analisar as contribuições para a tomada de consciência dos instrumentos socioculturais visando à recriação da identidade cultural na proposta curricular para a área de Ciências Naturais; do

primeiro ciclo do ensino fundamental; da escola da aldeia Pau Brasil; da etnia Tupinikim realizada no ano 2003.

Podemos citar ainda a pesquisa feita por Coelho (2003) a qual focou as lendas indígenas amazônicas, contudo o que ela fez foi um levantamento das características discursivas do gênero lendas por meio de estudo de dois grupos de textos. Portanto como podemos constatar não é habitual nos depararmos com trabalhos, no ambiente escolar que visem a utilização da cultura indígena, no que diz respeito as lendas mais especificamente as amazônicas, principalmente com foco na formação leitora do aluno.

De acordo com a abordagem “Lendas Amazônicas como processo reflexivo sociocultural” apoiamo-nos nos ensinamentos amplamente apresentados por Vygotsky e de Paulo Freire, que apontam as múltiplas possibilidades no que tange o ensino e aprendizagem.

Como sabemos, o estudo do desenvolvimento humo apresentado como um processo que se dá nas interações sociais, foi bastante influenciado pelas contribuições de L. S. Vygotsky (1896-1934). Esse autor propõe uma visão do desenvolvimento humano que destaca o seu caráter inseparável das atividades sociais e culturais.

Paulo Freire propõe que a aprendizagem também se dá na inter-relação do sujeito com o meio que o rodeia, quer que seja no aspecto cultural como no aspecto social. Contudo ressalta que:

é preciso insistir: este saber necessário ao professor – que ensinar não é transferir conhecimento – não apenas precisa ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser (...), mas também precisa ser constantemente testemunhado, vivido”. (FREIRE, 1997).

Consequentemente, Educar é um processo construtivo e permanente, que vai da vida para a escola e da escola para a vida, articulando conhecimentos. Tem caráter histórico e cultural, nos quais estão incutidos todos nós, que representamos concretamente o processo educativo quando agimos em sociedade, interagimos, fazemos valer nossos direitos, assumimos nossa identidade e nos reconhecemos como parte integrante de uma sociedade que se aproxima pela diversidade humana.

Assim, dentre o objetivo geral e os objetivos específicos deste trabalho, destacamos a formação leitora e a investigação das características mais comuns e específicas do chamado gênero lenda, a partir da análise de seu contexto de produção.

Ao cumprir esses objetivos, temos a certeza de que poderemos contribuir para a realização de trabalhos posteriores que reflitam, especificamente, sobre o processo de ensino-aprendizagem das lendas, e principalmente de sua compreensão na leitura. Desta

forma no próximo capítulo teórico, discorreremos basicamente a respeito da “Formação leitora” sob as perspectivas do gênero textual lenda, com base teórica sócia interacionista.

O conto popular é considerado por Câmara Cascudo o nosso primeiro leite intelectual, já que através dele se expressam costumes, ideias, mentalidades, decisões, julgamentos, e se revelam a memória e a imaginação do nosso povo. Ainda para Câmara Cascudo, o que caracteriza o conto popular é a antiguidade (é preciso que o conto seja velho na memória do povo), o anonimato (o conto popular não tem marca de autoria), a divulgação e a persistência.

Os contos populares brasileiros trazem em seu bojo influências e elementos das culturas indígena, africana e europeia, o que nos permite a apreensão de certas marcas e de certo caráter de brasilidade presentes nessas narrativas. Sua divulgação, num primeiro momento sempre oral, ao se dar pelo discurso escrito, revela, registra e trabalha formas e normas do discurso social de interlocutores de outros lugares e de outros tempos, conforme Smolka (1989), criando novas condições e outras possibilidades de troca de saberes, instigando os ouvintes/leitores a participarem como protagonistas no diálogo que se estabelece.

Não se sabe precisar quando esse costume de contar histórias se instituiu como prática social, porém, pode-se afirmar que é bem antigo e de ordem universal, ocorrendo, portanto, em todas as civilizações, como vem sendo comprovado por diferentes estudos etnográficos.

Nas comunidades populares, esses contos eram e são, mesmo hoje, narrados normalmente à noite, depois do trabalho ou durante atividades de ritmo lento, como a pesca e a confecção de renda, não só para relaxar e divertir, mas também para fazer as pessoas refletirem sobre suas vidas pessoais e o contexto social em que estão inseridas.

A figura do contador ou contadora de histórias, importante na transmissão e na manutenção da memória coletiva. Entretanto, sabemos que a prática de narrar oralmente histórias e causos vem-se perdendo na sociedade de informação, onde os mais novos aparatos tecnológicos e as mídias eletrônicas substituem os encontros das comunidades para contar e ouvir histórias.

A tarefa da escola e de todos os educadores que nela atuam, é a de aumentar o repertório dos aprendizes, facilitar a aprendizagem, gerar condições e ambiente para o estabelecimento de articulação entre informações e conexões múltiplas, análises e sínteses. É ensinar que ler e escrever promovem socialmente, dão acesso à cultura e ao conhecimento, são um modo de relacionar o que se faz na escola com o que existe fora dela. Nesse sentido, a prática de ler e escrever desenvolve-se através de responsabilidade partilhada entre professor

e aluno, em que o primeiro atua como guia, apoio, mediador de cultura e o segundo como sujeito ativo da aprendizagem.

3 – LEITURA: AS ESTRATÉGIAS DE LEITURA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM FORMANDO LEITORES.

”Ler é entrar em outros mundos possíveis. É indagar a realidade para compreendê-la melhor, é se distanciar do texto e assumir uma postura crítica frente ao que se diz e ao que se quer dizer, é tirar carta de cidadania no munda da cultura escrita...”.
(Delia Lernerer, 2002: 73)

Apresentaremos neste capítulo a leitura como ação libertadora e as suas estratégias na formação leitora. Desta forma torna-se necessário abordamos mesmo que brevemente teorias e estudos que relativamente a dão suporte. Para isso recorreremos a abordagem do interacionismo sócio discursivo, e a abordagem sociocultural.

A abordagem interacionismo-sócio-discursivo fundamenta-se de forma mais radical em Vygotsky, no campo da psicologia, atribuindo à linguagem e à interação um papel central no desenvolvimento humano. No entanto encontra-se filiada a outras correntes da filosofia e das ciências sociais, cujo ponto comum é a tese de que as condutas humanas são o resultado de um processo histórico de socialização.

Tendo em vista o posicionamento vygotkiano entende-se que o processo do desenvolvimento das espécies adotou o homem de capacidades comportamentais particulares, permitindo - lhe criar instrumentos mediadores de sua relação com o meio. Assim essas capacidades levaram-no a organizar uma cooperação no trabalho, dando origem às formações sociais, e a desenvolver formas verbais de comunicação com seus pares.

A abordagem sociocultural enfatiza que a atividade humana é mediada e nela tem sido investigado o desenvolvimento humano dentro das práticas culturais dos grupos, que supõem o uso de diferentes formas de mediação. A partir desta orientação, entende-se que os mediadores - instrumentos, signos, práticas culturais - são carregados de significação cultural. É importante ainda ressaltar que os mediadores são ao mesmo tempo utilizados, construídos e transformados pelo grupo cultural. Nas palavras de Vygotsky (1991) “a alteração provocada pelo homem sobre a natureza altera a própria natureza do homem” (p. 62).

Neste sentido, compreende-se que tanto a abordagem interacionismo-sócio-discursivo como a abordagem sociocultural estão preocupadas e estão intrinsecamente ligadas a justificar e a esclarecer a constituição ou formação do sujeito nos mais variados aspectos. Estas teorias

apresentadas não somente possibilitam a compreensão das práticas sociais e culturais do ser humano como norteiam também a evolução da sua sociabilidade em vertentes culturais em qualquer tempo.

Para o Currículo Básico, a leitura numa concepção de linguagem interacionista, ultrapassa a compreensão da superfície; ela é, mais do que entendimento das informações explícitas, um processo dinâmico entre sujeitos que instituem trocas de experiências por meio do texto escrito.

Considerando as competências e habilidades que são desenvolvidas ao longo do processo da aprendizagem humana, propostas como as dos Parâmetros Curriculares Nacionais, “o ensino de Língua Portuguesa, que buscam desenvolver no aluno seu potencial crítico, sua percepção das múltiplas possibilidades de expressão linguística, sua capacitação como leitor efetivo dos mais diversos textos representativos de nossa cultura”. (BRASIL, 2002, p. 55).

De acordo com a proposta citada, o que se percebe, é que a leitura está presente nas mais diversas situações da vida do ser humano e cada vez se faz necessário explorá-la em sala de aula, utilizando mecanismos que desperte o senso crítico do aluno e deixe de ser encarada como atividade sem significado para o aprendizado dos estudantes.

Por isso que utilizar os gêneros textuais nas atividades escolares é essencial para termos leitores competentes e críticos. Para tanto pesquisadores como Delia Lerner, Isabel Solé e Paulo Freire dentre outros, abordam exaustivamente a importância da leitura como processo interacionistas.

Ser capaz de ler e de compreender o texto é fator essencial para uma pessoa se envolver em uma atividade de leitura. No entanto, os textos nunca dizem tudo, dependem, por conseguinte, do trabalho interpretativo do leitor; o que não significa que o leitor esteja livre para atribuir qualquer sentido ao que lê. Na leitura de certos textos, basta ler algumas partes buscando a informação necessária para encontrá-la; já outros precisam ser lidos várias vezes.

É importante destacar que a formação do leitor requer um trabalho de natureza interdisciplinar, uma vez que não se pode construir um posicionamento crítico a partir de uma única perspectiva. Dessa forma, é necessário que um tema, ao ser trabalhado em sala de aula, seja abordado tendo em vista, as várias perspectivas das diversas áreas do conhecimento, a fim de permitir que ideias e valores possam ser comparados e criticados. Isso significa que a leitura de um texto não se esgota nele mesmo, mas deve abrir-se ao diálogo com outros textos, estabelecendo-se um jogo intertextual indispensável ao processo de formação do leitor.

De acordo com Solé (1998), poder ler, isto é, compreender e interpretar textos escritos de diversos tipos com diferentes intenções e objetivos contribui de forma decisiva para autonomia das pessoas, na medida em que a leitura é um instrumento necessário para que nos manejemos com certas garantias em uma sociedade letrada.

É importante que se esteja atento para o fato de que a atividade de leitura não corresponde a uma simples decodificação de símbolos, mas significa, de fato, interpretar e compreender o que se lê. De acordo com Kleiman (1997), a leitura precisa permitir que o leitor aprenda o sentido do texto, não podendo transformar-se em mera decifração de signos linguísticos sem a compreensão semântica dos mesmos.

Paulo Freire(1985) , vai além segundo o autor ato de ler não se resume apenas e não se restringe à decodificação da palavra ou linguagem escrita, mas se antecipa na inteligência do mundo. O autor comenta também que “... a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir a continuidade da leitura daquele”, ou seja, quando a criança chega à escola ela traz consigo a leitura que ela faz do mundo. E o que a escola tem proposto aos seus alunos não tem passado de uma decodificação de textos escritos, provocando no leitor não o gosto pela leitura, mas um sentimento de desvalorização, que o leva a uma leitura para cumprir as formalidades escolares, enquanto a leitura prazerosa só acontece na maioria das vezes bem longe dos bancos escolares, quando o aluno se depara com os textos sociais.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Portuguesa (BRASIL, 1997), apontam que o trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes, e conseqüentemente a formação de escritores, uma vez que fornece a matéria-prima para a escrita.

Esse tipo de leitor que os Parâmetros Curriculares definem como leitor competente é o sujeito que é capaz de selecionar, dentre os textos que circulam socialmente, os que podem atender a suas necessidades, desde uma informação científica até situações práticas do cotidiano.

Para que a finalidade do trabalho com a leitura seja atingida, os PCNs propõem que a escola traga para seu bojo uma diversidade de textos de circulação social, e que seja ensinado ao aluno como proceder a sua. Para os Parâmetros Curriculares neste sentido, a leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção de significados a partir da extração de informação, da seleção antecipada, da inferência e da verificação da leitura.

A estas últimas colocações a respeito da leitura no que se refere a construção de significados seja através da seleção, da antecipação e da verificação, alguns pesquisadores

como : Isabel Solé 1998, abordam como sendo estratégias de leituras. Segundo Solé, as estratégias de leitura são as ferramentas necessárias para o desenvolvimento da leitura proficiente. Sua utilização permite compreender e interpretar de forma autônoma os textos lidos e despertam o professor para a importância em desenvolver um trabalho efetivo no sentido da formação de um leitor independente, crítico e reflexivo. Outro ponto a considerar é que Usamos estratégias na leitura, mas também essas estratégias se desenvolvem e se modificam durante a leitura. Com efeito, não há maneira de desenvolver estratégias de leitura a não ser através da própria leitura.

A pesquisadora adota a perspectiva de leitura interativa e afirma que ela é o processo mediante o qual se compreende a linguagem escrita. A autora ressalta que para ler necessitamos da decodificação, do objetivo, de experiências prévias, da previsão e de fazer inferências sobre o texto, o que fornece, desse modo, subsídios para a formação de um leitor competente, conforme a proposta dos PCNs.

No entanto o que podemos observar é que a realidade escolar, em se tratando da educação brasileira, ainda está um tanto distante de atender a finalidade da leitura colocada pelos documentos oficiais, pois o único material escrito com que o aluno tem oportunidade de convívio prolongado é o livro didático e desta forma é de praxe que os textos que ele porta serem os valorizados pela escola. Mas ressalte-se que em função de suas conhecidas limitações, a utilização do livro didático precisa ser redimensionada de forma a assegurar que seu uso contribua efetivamente para o alargamento da visão de mundo do aluno, possibilitando-lhe uma leitura mais lúcida de si mesmo e do mundo que o cerca.

A respeito dos expostos, Delia Lerner,2002, p.79, enfatiza que:

A leitura é antes de mais nada é um objeto de ensino. Para que também se transforme num objeto de aprendizagem é necessário que tenha sentido do ponto de vista do aluno, o que significa – entre outras coisas- que deve cumprir uma função para a realização de um propósito que ele conhece é valoriza. Para que a leitura como objeto de ensino não se afaste em demasiado da prática social que se quer cumprir, é imprescindível “representar”- ou “reapresentar” -, na escola, os diversos usos que ela tem na vida social.

Ainda segundo Delia,

Em consequência, cada situação de leitura responderá a um duplo propósito. Por um lado, um propósito didático: ensinar certos conteúdos constitutivos da prática social da leitura, com o objetivo de que o aluno possa reutilizá-los no futuro, em situações não didáticas. Por outro lado, um propósito comunicativo relevante desde a perspectiva atual do aluno.

Nesse sentido, a mediação do educador é decisiva no encaminhamento da reflexão sobre as questões fundamentais que devem permear o cotidiano da sala de aula: O que é ler?

Ler para quê? Ler para quem? O que ler? Diante dos expostos, cabe ao educador que cabe a tarefa de avaliar criticamente o livro didático, a fim de poder superar as limitações do material pedagógico com que trabalha. Por melhor que seja o livro didático, o educador sempre necessitará enriquecê-lo com a crítica dos conteúdos e da abordagem dos temas propostos, através do confronto dos posicionamentos do livro didático com outros textos.

Diante dessas questões, a postura crítica e aberta do professor possibilitará um trabalho diferenciado e com perspectivas de sucesso. Esse posicionamento reafirma a existência de o professor trazer para a sala de aula os diferentes tipos de textos que circulam socialmente. Esses textos podem ser ficcionais ou não ficcionais, uma vez que é pelo confronto com temas e enfoques variados que o aluno vai construindo seus pontos de vista sobre as questões vitais com que se defronta. Dessa forma, a prática da leitura orientada por profissionais antenados tornará os indivíduos mais críticos e atuantes nas lutas sociais, em busca da igualdade e equidade social.

Observamos então que, tanto os PCNs quanto o Currículo do ensino Básico, Solé, Kleiman e Paulo Freire convergem ao apresentar a leitura como um processo interativo entre leitor e texto. Ao definir o que é ler e o que é leitura, cada um dos autores apresenta e discute um aspecto diferenciado, mas todos destacam que a leitura competente é aquela na qual em determinados momentos o leitor faz uso da extração e em outros os da atribuição, de acordo com o objetivo da sua leitura. Leitura é então, fundamentalmente, interação entre leitor e texto.

Concluindo, aprender a ler e a escrever, dada a sua complexidade, demanda um conjunto de procedimentos de análise, de reflexão, de estratégias, de objetivos, de estudo, de tempo e, principalmente, de propósitos. Pode-se dizer que a tarefa de formar leitores é de responsabilidade dos educadores das diversas disciplinas, não apenas do professor de Língua Portuguesa, uma vez que ler tem haver com o mundo da informação, além de ser um instrumento de apropriação do conhecimento e ser a ferramenta que permite aprender a aprender, configurando-se como uma atividade de ensino em todas as áreas que compõem o conhecimento humano.

3.1 – O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM COM OS CONTOS AMAZÔNICOS FORMANDO LEITORES NO EJA.

Nas discussões sobre o papel da escola na formação cidadã do sujeito, o ensino da língua portuguesa destaca-se por ampliar a competência do aluno para o exercício da fala, da leitura e da escrita. De acordo com os PCN do Ensino Fundamental, o que se espera dos processos de ensino e de aprendizagem nessa etapa é que:

O aluno amplie o domínio ativo do discurso nas diversas situações comunicativas, sobretudo nas instâncias públicas de uso da linguagem, de modo a possibilitar sua inserção efetiva no mundo da escrita, ampliando suas possibilidades de participação no exercício da cidadania (PCN, 1998: 32).

Tomando como base a citação acima e levando em consideração o estudo de Marcuschi (2005), segundo o qual, “o trabalho com gêneros textuais é uma extraordinária oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia-a-dia”, concordamos com a proposta de que os gêneros textuais sejam tomados como objetos de ensino de língua portuguesa.

Assim, o uso das Lendas Amazônicas no processo de ensino-aprendizagem dos discentes da EJA, visa à formação leitora, além disso, através das lendas pretendemos evidenciar a cultura popular e a essência do imaginário amazônico. Vale ressaltar que é nesse campo fértil que o imaginário popular atua, revelando sentimentos que desabrocham não apenas em lendas, mas também em contos, crendices, que retratam uma cultura.

No que diz respeito ao imaginário popular, presente neste contexto, é possível afirmar que este nada mais é que uma memória coletiva que permite ao ser humano, enquanto um ser social, elaborar os seus próprios pensamentos a respeito de si mesmo e da realidade que o cerca. Ele consiste em uma herança cultural de certa comunidade sendo composto por imagens e outros signos, por valores e pelas suas relações entre si às quais possibilitam a união das ideias sobre o real. Neste sentido, ele pode ser visto, portanto, como uma memória coletiva mais ampla que contém a própria ideologia enquanto um conjunto de crenças, valores e normas sobre uma dada realidade. O imaginário popular, sendo uma criação coletiva, uma representação social que possibilita a comunicação entre os homens, apresenta-se povoado por visões de mundo, por mitos e por valores.

Dada a complexidade da Educação de Jovens e Adultos, faz-se necessário a aplicação de intervenções pedagógicas interativa ao cotidiano das praticas socioculturais dos educandos. Dessa maneira, os temas transversais apresentam-se como assuntos, abordagens da maior

relevância para o desenvolvimento das práticas pedagógicas, tendo em vista a importância que apresentam no dia a dia de cada aluno.

Neste contexto insere-se a cultura e o lazer. Segundo a UNESCO, o acesso a cultura e o lazer são necessidades básicas e direitos do cidadão. No entanto devido às desigualdades sociais esses direitos não se concretizam de forma efetiva. E a escola como representante do estado tem a missão de possibilitar aos alunos as informações básicas necessárias, que os levem a refletir e conhecer as inúmeras formas e maneiras de cultura e lazer que existem e que eles podem desfrutar.

Desta forma o desenvolvimento de momentos culturais em sala de aula é uma excelente opção para despertar o senso crítico, quebrar paradigmas em relação a artes, estando elas ligadas ou não com a interação da fala, da leitura, ou da escrita. No entanto é preciso fortalecer a concepção de que a arte e a cultura são temas entre outras formas de compreender o homem, o mundo e as relações entre eles.

Neste sentido as narrativas apresentam-se também como via de acesso ao conhecimento, devido a sua aproximação com as vivências, com a realidade e principalmente com a identidade cultural dos educandos. Assim, a forma de comunicação estabelecida por meio da fala e da escrita constitui modos de representação cognitiva e social que se revelam em práticas específicas na interação pela linguagem.

Narrar é um ato inventivo, seja para contar o acontecido ou apalavrar o imaginado. E toda a sua invenção reside no detalhe: evidenciar uma palavra, iluminar uma pausa, desdobrar um gesto, incorporar a participação dos ouvintes, buscar um tom de voz, encaixar um comentário, introduzir uma personagem, arquear as sobrancelhas. Desenrolar o enredo e enredar as palavras são as duas páginas da mesma folha. O ouvinte não se envolve apenas com o rumo dos acontecimentos, mas também com o rumor das palavras.

Hoje, como permanecem essas narrativas populares legadas pelo passado ao mundo pós-moderno? Que leituras podem ser feitas daquelas fábulas, daqueles contos? Seriam eles uma literatura de formação, Que valores éticos podem ser revistos e rediscutidos a partir das lendas, dos contos de fadas, dos contos maravilhosos, dos contos populares? Tais questionamentos equivalem também a buscarmos saber que sociedade queremos? Que cidadãos queremos formar nas futuras gerações?

Daí, talvez, um dos motivos de se ter firmado, na literatura destinada ao público de crianças e jovens, uma tradição, inaugurada com Figueiredo Pimentel, seguida por Câmara Cascudo, Raul Boop, Walcir Monteiro, Monteiro Lobato e, mais recentemente, por autores como Ruth Rocha, Ricardo Azevedo, Joel Rufino dos Santos, entre outros, a de se levar

para as páginas dos livros contos populares brasileiros, na tentativa de se manter viva a sabedoria do povo por intermédio de seu repertório de narrativas orais..

Desta maneira entende-se que o ensino dos conteúdos e a praticas das habilidades relacionadas às narrativas, dentro e fora da sala de aula, representam para os discentes da EJA uma expectativa de aprendizagem, uma vez que ao utilizarem a língua, a linguagem e a fala de maneira eficientes e adequada, respeitando as peculiaridades de cada lugar ou região, poderão dar novo sentido as suas relações sociais, principalmente aquelas que exigem comportamentos mais formais no que se refere a comunicação oral e escrita.

Contudo para que a sala de aula se transforme em um local em que os alunos possam expressar suas ideias, opiniões, pensamentos, conhecimentos prévios tudo que favoreça e contribua para dar uma nova significação para o uso da linguagem, faz-se necessário um ensino baseado intimamente ligada ao cotidiano do aluno, que fuja a mera transmissão de conteúdos esvaziados de sentidos que tornam em fatores de desmotivação, de desencorajamento a pratica da leitura da escrita como também da oralidade.

Os objetivos gerais de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental (PCN, p. 32) situam, como principal objetivo de seu ensino, a tarefa de levar o aluno a:

utilizar a linguagem na escuta e produção de textos orais e na leitura e produção de textos escritos de modo a atender a múltiplas demandas sociais, responder a diferentes propósitos comunicativos e expressivos e considerar as diferentes condições de produção do discurso.

Nessa perspectiva, Estes usos são, desde o início, qualificados como usos das duas linguagens, a oral e a escrita, na compreensão e produção de textos socialmente situados e com finalidades comunicativas, as quais ocorrem em situações de produção específicas do discurso.

Trata-se, portanto, de práticas sociais de uso da linguagem, que podem também ser vistas como atividades de linguagem (Schneuwly & Dolz, 1997).

Neste sentido, práticas de linguagem é uma noção de ordem social, que implica a inserção dos interlocutores em determinados contextos ou situações de produção, a partir dos quais, tendo a linguagem como mediadora, os agentes sociais estabelecem diferentes tipos de interação e de interlocução comunicativa, visando diferentes finalidades de comunicação, a partir de diversificados lugares enunciativos. Está claro, que esses agentes sociais dependem de suas experiências de vida, de seu conhecimento acumulado a respeito de tais práticas, para poderem enunciar.

Assim é que os referenciais enfocam o ensino escolar da língua materna como um processo de continuidade da apropriação de práticas sociais circulação em espaços públicos e formais. E estas práticas sociais como sabemos circulam na forma de textos orais ou escritos.

Sendo assim, não há por que negar a manutenção textos narrativos orais na sociedade atual. Bem trabalhadas em todos os seus aspectos, essas narrativas fantásticas podem exercer o seu fascínio tanto na mente das crianças quanto na dos adultos, concorrendo assim, com meios de comunicação mais modernos e sofisticados. Podem ainda contribuir para a abertura de um canal profundo de diálogo, visando a consequente emancipação da personalidade dessas crianças, proporcionando-lhes conhecer melhor seus próprios sentimentos e impulsos, e na medida em que se desenvolvem como pessoas, trabalhá-los.

Muitas circunstâncias de uso da leitura e da escrita podem ser favorecidas no contexto da sala de aula. Formar usuários autônomos da leitura e da escrita é papel da escola. Para isso, é fundamental que ela tome para si esta tarefa, principalmente na Educação de Jovens de Adultos, que é constituída por um público que geralmente foi privado do acesso à cultura letrada. Favorecendo um contexto de letramento o professor possibilita que os alunos ampliem seus conhecimentos, compreendam o mundo que os rodeia e sintam-se participantes dele.

ANÁLISE DOS RESULTADOS.

Entendemos que para uma investigação tenha êxito, requer que o pesquisador delimite um “pano de fundo” que de consistência à trajetória do trabalho, para que este não se afaste dos seus objetivos ou posições tidos como princípios básicos.

No que se refere ao uso de contos amazônicos como ferramenta de ensino na EJA, em contribuição na formação de leitores, esta pesquisa tem como objetivo abordar e propor uma reflexão sobre a importância da leitura no ambiente escolar.

Assim tendo em vista a elaboração de novas práticas pedagógicas, voltadas para o ensino da Língua Portuguesa mais precisamente a formação de leitores, procuraremos embasar nossa pesquisa em obras as quais se referem ao uso dos gêneros como imprescindíveis a qualquer projeto de intervenção didática, pois segundo Schneuwly & Dolz (1997), o gênero trabalhado como objeto de ensino-aprendizagem é sempre uma variação do gênero de referência. Como também aquelas que tratam a leitura como sendo indispensável para a inserção ao mundo do conhecimento e do aperfeiçoamento tais como: “A importância do Ato de Ler” de Paulo Freire, “Estratégia De Leitura” de Isabel Solé, “PCN’S de Língua Portuguesa “Fala e Escrita” Luiz Antônio Marcuschi e Ângela Paiva Rodrigues entre outros.

O percurso teórico-metodológico que empreenderemos para constatar de que forma a inserção dos Contos amazônicos nas práticas escolares, pode e vem ajudar na formação leitora e na formação de produtores de textos escritos em língua portuguesa na série finais da EJA. Fundamentalmente passará por uma aplicação de um questionário envolvendo alunos e professores da EJA que trabalhem especificamente na etapa final (7ª e 8ª série). O questionário será previamente elaborado. Visto que Manzine (1990) salienta que “é possível um planejamento da coleta de informação por meio da elaboração de um roteiro com perguntas que atinjam os objetivos pretendidos”, neste caso o roteiro serve como um processo de interação entre o investigador e o informante.

Além do questionário será ministrada uma sequência didática envolvendo quatro aulas em uma única turma. Com os materiais coletados, iremos fazer a análise dos dados, com o intuito de levantarmos reflexões que possam dar ênfase ao uso dos contos amazônicos como objeto de ensino na modalidade acima citada.

O tema deste projeto de pesquisa é de grande importância à educação de jovens e adultos, para que tenham experiências significativas de aprendizagem por meio de um trabalho com a linguagem oral e escrita para construir em um dos espaços de ampliações das

capacidades de comunicação e expressão e de acesso ao mundo letrado pelos adultos. É sabido que uma grande parcela de alunos não costuma ter o hábito de ler. Por isso se faz necessário que compreendamos o porquê ocorre esse processo em nossos alunos, para então podermos trabalhar de forma que cada aluno desenvolva o gosto pela escrita e principalmente pela a leitura.

Para tanto procuraremos responder alguns questionamentos, tais como: De que forma o adulto vê o mundo e se integra à ele através da aprendizagem da leitura e escrita? Como o educador precisa fazer o adulto pensar sobre a escrita e leitura? Que atitudes podem ser tomadas para que ocorra vinculação imediata entre educando e a necessidade da escrita e leitura?

Geralmente os alunos da EJA tiveram muito pouco ou quase nenhum contato com a leitura e escrita desde a infância. Desta forma provavelmente a aquisição da aprendizagem desses alunos será mais difícil do que para aquele que desde pequenos tem contato com o mundo da leitura.

No entanto, acredita-se que estar imerso em um ambiente letrado é fundamental, mas não parece ser suficiente, é preciso que o professor, e a família levem o individuo a refletirem sobre a leitura e escrita, á estabelecerem relações entre diferentes tipos de textos e produzirem textos significativos, o mais próximos que for possível de seu uso social. Por se tratar de alunos adultos, de certa forma apresentam um certo bloqueio, demonstrando também um certo medo em relação ao modo de aprendizagem.

Com base nos conhecimentos adquiridos sobre o tema foi realizada a intervenção em sala de aula e a construção e aplicação do material didático constituído para esta finalidade. As estratégias de leitura foram aplicadas em textos de narrativas curtas e apresentaram-se como recursos necessários e eficientes para enfrentar com segurança, confiança e interesse a atividade de leitura e ser utilizadas de forma autônoma pelos leitores que poderão também utilizá-las em outros textos.

A sequência didática desenvolvida em sala de aula pretendeu ser uma resposta uma à tarefa de desenvolver nos alunos a compreensão das mais diversas situações de interação, isto é, permitir-lhes a inserção no mundo letrado.

O objetivo da intervenção em sala de aula foi o de formar um leitor competente ágil e participativo, alguém que compreenda o que ler que possa aprender a ler também o que não está escrito, que possa fazer inferências do que se lê ao contexto em que estar inserido. , que possa justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos. Para tanto, a cada texto trazido para sala de aula foram aplicadas as estratégias de compreensão

leitora para antes, durante e depois da leitura. A partir do título, tema, capa do livro ou autor todo conhecimento prévio do aluno foi requisitado e aproveitado para o entendimento e reconhecimento do conteúdo a ser trabalhado. O suporte do texto e o gênero também se constituíram instrumentos de interação entre o leitor e o texto, num contexto específico.

Durante o trabalho com as lendas foi possível, fazer inferências como também, formular hipóteses a respeito da sequência do enredo e trazer novas informações ao conhecimento prévio, além de atentar para a escolha e o emprego de palavras ou expressão no texto, identificando assim, as pistas que pudessem mostrar a posição do autor.

Depois da leitura e do trabalho realizado nas etapas anteriores, foi possível elaborar resumos e outras produções escritas, indicar e ler outros textos que fazem inferência ao tema, trocar impressões a respeito do texto, além de tirar conclusões, emitir opiniões e fazer a avaliação crítica.

No desenvolvimento das atividades foram levadas em considerações algumas questões de relevância importância para que haja vinculação imediata entre o aluno e a escrita/leitura. Tais como: Respeito à diversidade de expressões orais de cada sujeito; inferências de reais situações comunicativas, para a exposição de dúvidas oralmente; seleção de textos para diferentes propósitos de leitura; elaboração de atividades respeitando os níveis de aprendizagem.

A aplicação do material didático em sala de aula contribuiu de maneira significativa para a aprendizagem e apropriação dos instrumentos de compreensão e formação leitora. As estratégias desenvolvidas na sequência didática pretenderam ajudar o aluno a compreender e desvendar o sentido do texto, utilizando a capacidade crítica de julgar o que leu e armazenar as informações lidas.

O material didático construído para este fim foi utilizado, em duas partes, sendo que na primeira, foi trabalhada a sequência didática que teve pontualmente aplicação das estratégias de leitura, em torno dos gêneros textuais, mais especificamente as Lendas Amazônicas, os textos trabalhados foram: Boto, Iara, Curupira, Macunaíma, Guaraná, Vitória Régia, Açaí, Cobra Grande ou Boiúna, Matinta Perera, Mandioca, Gente que vira bicho, Mapinguari, Cobra Norato, Ceuci, Bahira, Boitatá, Caipora, Muiraquitã, Tamba-Tajá, Uirapuru, Peixe-boi, lenda da lua, lenda dos rios, lenda do sol, Quem te dera, Pirarucu, Eldorado, As Amazonas, Vitória Régia.

Ressalta-se que não somente as estratégias de compreensão leitora foram expostas em cada uma das etapas da sequência didática, mas também estratégias de desenvolvimento da oralidade e da escrita, trabalhadas através de pesquisas de vocabulários pertinentes e

frequentes nas lendas, tais como: Benzedeira, Cipó, Fado, Hora Morta, Igapó, Canoa, Igarapé, Atazanou, Mundia, Mundiado, Visagem, Tupã, Pirralho etc. Para atingir os objetivos deste trabalho e dá acessibilidades aos alunos a este Gênero, além de possibilitar o desenvolvimento das atividades, buscou-se levar para a sala de aula uma grande variedades de lendas, as quais fora distribuídas entre os alunos conforme o interesse de cada um. Além da sequencia didática esta pesquisa teve como suporte um questionário que teve como objetivo fazer a culminância e a avaliação da proposta didática.

Na primeira aula dos quarenta e três alunos da turma, somente dezoitos estavam presente. No primeiro momento houve uma roda de conversa para a apresentação da proposta deste trabalho, em seguida houve o levantamento dos conhecimentos prévios, foram feitas seis perguntas pertinentes ao assunto, às respostas foram dadas aleatoriamente, sendo que somente oito alunos se prontificaram em responder. Os que não responderam aparentemente demonstraram certa timidez ou falta mesmo de conhecimentos, porém desses alunos que não participaram das respostas dois demonstraram-se totalmente desinteressados.

Para finalizar a aula, foi solicitado que individualmente os alunos fizessem uma lista de títulos de Lendas que conheciam e que escolhesse uma delas e a recontasse oralmente para a turma. Com relação a lista doze alunos a fizeram, mesmo contendo poucos títulos os quais foram em média 6 títulos, sendo que quase os mesmos. Agora o reconto oral nenhum quis participar. Percebe-se que os alunos possuem um pouco conhecimento do gênero e que por conta disso se sentem tímidos em falar em público, houve uma aluna que começou a recontar a lenda do boto, no entanto, desistiu, prometendo que iria se preparar e contar na próxima aula.

Com a finalidade de promover o acesso ao ato de ler foi levado para a sala de aula os texto selecionados para a sequencia didática, no primeiro momento, foram apresentados entregues aos alunos, ficou acertado que os alunos deveriam fazer uma breve apreciação dos textos e escolher um para ler e que na próxima aula deveriam trazer o reconto escrito e socializar com os colegas além de terem que expor suas impressões a respeito da leitura, deveria apresentar para a classe suas impressões a respeito da leitura. Como na primeira aula foi verificado que a maioria dos alunos não conhecem ou não sabem definir o que é uma lenda, foi apresentado e entregue aos alunos um texto retirado do site, Pará históricos: Mitos e Lendas da Amazônia, escrito pelo Professor Leonardo castro. Foi sugerido que o texto teria que ser lido e discutido coletivamente, no entanto dos vinte e cinco alunos presentes somente dois alunos participaram da leitura e cinco das discussões, os restantes se omitiram em fazer qualquer questionamento ou colocações, ficando apenas calados. Após as discussões foi feito

uma atividade individual de sistematização do texto estudado, porém estas atividades ficaram pra ser entregue na aula seguinte.

A aluna que na aula anterior se comprometeu em recontar a Lenda do Boto, mesmo que timidamente conseguiu recontar, e embalado na coragem dela outro aluno também recontou a lenda que tinha lido a qual foi a da Mãe D'água. Com os recontos a aula se encerrou num clima agradável. Com esta atividade observou-se que a maioria da turma não se interessa pela leitura, não tem o hábito de cumprir com as atividades que são solicitadas a serem feitas fora do ambiente escolar.

Para dá continuidade a sequência didática, a aula iniciou com as socializações dos recontos e com as exposições das impressões das leituras feitas na aula anterior, mas infelizmente foram poucos os alunos que se dispuseram em fazer e participar. Após o primeiro momento foi encaminhado a atividade do dia, em que foi orientado aos alunos que escolhessem uma lenda para ler e que durante a leitura se atentasse para o vocabulário empregado, e que deveriam fazer anotações do mesmo, pois seriam socializados e posteriormente pesquisados, casos fosse desconhecidos para todos.

Durante a socialização da leitura dos vocabulários os alunos fizeram breves comentários a respeito das lendas que leram, apresentaram os títulos, os principais personagens, o enredo, o lugar, o tempo, alguns foram mais além fizeram inferências ao contexto social. As maiorias dos alunos participaram efetivamente desta atividade. Constatou-se que esta atividade motivou os alunos a interagirem com o texto e que os vocabulários empregados não são tão desconhecidos para eles, pois não houve a necessidade de se fazer a pesquisa, já que todos os vocabulários ressaltados foram interpretados dentro ou fora do contexto do texto. Para antecipar a última atividade sequenciada, foi solicitado que novamente escolhessem ou pesquisassem uma lenda e que fizessem o reconto, mas desta vez deveria ser ilustrada e socializar na próxima aula.

Objetivando a conclusão das atividades sequenciadas, foi aplicado um questionário com cinco perguntas de cunho pessoal as quais foram:

- O que é Leitura para você?
- Você tem o hábito de ler?
- Qual sua opinião a respeito do reconto oral e escrito pautados nas Lendas Amazônicas, nas aulas de leitura?
- Qual a importância de se discutir aspectos referentes à Cultura nas Lendas Amazônicas?

- Em que as Lendas Amazônicas contribuíram na sua formação leitora?

No entanto antes da resolução do questionário houve a socialização do relato ilustrado, que havia sido solicitado antecipadamente. Desta vez não fora como as das outras vezes, pois a maioria dos alunos apresentaram suas ilustrações e foram recriando suas leituras conforme as ilustrações. Especificamente nesta atividade observou-se que as ilustrações, mesmo para o público jovem e adulto é fator de persuasão para a o mundo da imaginação e produção.

Com referência as aplicabilidades do questionário foram entregues trinta e cinco para que fossem respondidos, mas houve somente a devolutiva de vinte e seis, desses vinte seis devolvidos dez não foram respondidos integralmente. Com relação à primeira pergunta em linhas gerais que é a inserção para o conhecimento, já nove disseram que é um passa tempo, ou seja, leem por entretenimento, os três restantes 2 se omitiram a responder e um disse que não é nada, pois não gosta de ler.

Os dados coletados na segunda pergunta foram: vinte alunos responderam que sim, entre os vários gêneros citados a maioria pontuou gibis, revistas e jornais, já quatro responderam que não gostam de ler e três não responderam.

Já na terceira perguntas os dados consistiram em vinte e dois alunos disseram que acharam que foi uma experiência muita boa conhecer mais profundamente e terem a oportunidade de trabalhar a oralidade, o restante não responderam.

Na quarta pergunta os alunos se posicionaram da seguinte forma: doze alunos disseram que desconheciam ou ainda não tinham atentado que as lendas tratam desses aspectos, sendo acharam importante terem adquiridos esses conhecimentos, cinco responderam evasivamente, ou seja, sem nexos e sentido e não responderam.

Por fim na quinta e última pergunta obtivemos os seguintes dados: vinte e um alunos em média pontuaram que as lendas amazônicas despertou neles a vontade de ler cada vez mais, ou desenvolveram um pouco mais de interesse pelas leituras, já seis se omitiram em responder.

Analisando os dados coletados, seja da sequência didática ou dos questionários podemos verificar que a maioria dos alunos tem grande dificuldade de se expressar frente ao grupo classe. As palavras não saem, se intimidam, sentem vergonha. Também não tem hábitos de leituras, os quais têm poucos contatos com eventos que envolvem as questões de oralidade no âmbito escolar e que não receberam ou não recebem estímulos no que se refere a prática de

leitura e escrita e que é muito difícil eles lidarem com as questões da oralidade no que diz respeito a exposições de questionamentos e opiniões.

Diante de tais impressões percebemos o quanto é importante o professor estar atento aos indicativos que os alunos oferecem quanto a habilidades que precisam ser desenvolvidas, além dos blocos de conteúdos estabelecidos. Devemos lembrar ainda que os alunos trazem experiências vivenciadas em seu contexto familiar e social que servem como ponto de partida para o ensino com significativo ampliando essas experiências e construindo repertório para o posicionamento crítico diante das informações oferecidas diariamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

De acordo com os objetivos propostos desta pesquisa que foi de abordar e propor uma reflexão sobre a importância da leitura no ambiente escolar além de apresentar o gênero textual, mais precisamente os Contos Amazônicos como objeto de ensino da língua, nas séries finais da Educação de Jovens e adultos (EJA).

Assim, de acordo com as análises realizada, com intuito de responder as nossas indagações iniciais as quais foram: de que forma o adulto vê o mundo e se integra à ele através da aprendizagem da leitura e escrita? Como o educador precisa fazer o adulto pensar sobre a escrita e leitura? Que atitudes podem ser tomadas para que ocorra vinculação imediata entre educando e a necessidade da escrita e leitura?

Nesta perspectiva, pode-se dizer que os alunos adultos reconhecem a importância da leitura para o aprimoramento da escrita e para a inserção ao meio social, sendo que na maioria dos casos esses alunos quando crianças aparentemente não foram estimulados, seja no âmbito escolar ou no seio familiar a ter intimidade com as praticas de leitura, deste modo eles veem a leitura mais como uma questão de obrigatoriedade do que prazer. Ressalta-se aqui, também, a necessidade percebida de uma atuação conjunta entre a escola e a família, uma vez que a competência em leitura é influenciada por fatores motivacionais, cognitivos e contextuais como os familiares e escolares.

A metodologia aplicada veio mostrar que as praticas pedagógicas não podem desvincular-se do cotidiano do alunado, pois no que concerne a aprendizagem o professor é aquele que leva o aluno a se apropriar do conhecimento, através das praticas de leituras, e ele quem transmite os conhecimentos científicos, clássicos, curriculares e o aluno apropria-se dos conhecimentos numa relação de interação com o professor, com o meio em no qual que está inserido com os conteúdos, com os colegas e com os conhecimentos prévios que ele também traz.

Para que os resultados esperados acontecessem foi preciso haver espaços dentro da escola para se defrontar posturas e metodologias ultrapassadas com propostas e encaminhamentos embasados teoricamente em praticas atualizadas. Praticas estas que podem ser viabilizadas pelo professor, isso ficou evidente para nós durante o desenvolvimento do trabalho com as lendas, pois ao longo do desenvolvimento das atividades ficou evidente que é muito mais pratico e eficiente aliar o ensino a praticidade daquilo que dá prazer, já que as

lendas são narrativas que causam encantamento e imaginação e estão intimamente atreladas a cultura.

Nesta ótica é importante desenvolver as habilidades e competências referente a leitura não somente na disciplina da língua materna, mas em todas outras ciências, para que os alunos compreendam a importância da escrita e da leitura para o transcorrer de suas vidas e fazer com que todos percebam que escrever e ler depende de empenho, dedicação, compromisso de professores, da família e principalmente de si mesmo e que o prazer pela leitura e o talento da escrita nascem na frequência com que são exercitadas.

Assim, constatamos o óbvio, que de tudo que a escola pode oferecer de bom e de melhor aos alunos, a leitura, sem sombra de dúvida é a melhor e grande herança da educação, já que a maioria das pessoas, no seu dia-a-dia, lê muito mais do que escreve. Portanto, a escola deveria dar prioridade à leitura no ensino, sem desprezar evidentemente à escrita e a oralidade, se bem que na teoria isso acontece, mas na pratica esta aquém de ser a realidade vivida.

Em suma, o presente trabalho mostrou o quanto os alunos quando motivados podem desenvolver, de forma autônoma, atividades de oralidade, de leitura e de escrita, com criticidade e gosto. As estratégias utilizadas ajudaram os aluno na construção de sentido do texto e que provavelmente deverão ajudá-los em qualquer outra situação e com quaisquer outros textos. Os alunos passaram a participar mais e melhor das aulas, começaram a inferir suas opiniões oralmente, além de buscarem argumentos para fundamentar seu ponto de vista. Neste processo, embora o aluno seja o protagonista, o professor também teve um papel de destaque uma vez que foi mediador do conhecimento.

REFERENCIAS.

- BAKHTIN, Mikhail M. (1953/1999). **“Os gêneros do discurso”**. In. BAKHTIN M. (1997): Estética da Criação Verbal, 2a Ed., SP, Martins Fontes, p. 279–326.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura. Campinas.** São Paulo: Mercado das Letras, 2002.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1997, p.19.
- BRONCKART, Jean-Paul. (1996/1999). **Atividade de Linguagem textos e discursos. Por um interacionismo sócio-discursivo;** trad. Anna Rachel Machado, Péricles da Cunha, São Paulo: Educ.
- CARI, Claudio David.(2008). **O currículo científico com o povo indígena Tupnikim: a tomada de consciência dos instrumentos socioculturais.** Dissertação de mestrado apresentado à banca examinadora da PUC (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- CASCUDO, Luís Câmara. (1998). **Dicionário do Folclore Brasileiro.** 9a Ed. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S.A.
- CEREJA, William Roberto, MAGALHÃES, Tereza Cochar (2003). **Português: linguagens.** Volume Único. 1ª edição – editora Atual. São Paulo.
- COELHO, Maria Do Carmo. (2003). **As Narrações da Cultura Indígena da Amazônia: Lendas e Histórias.** Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- DOLZ, J. & SCHNEUWLY B (1997). **Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino.** Revista Brasileira de Educação, Mai/jun/jul/ago, 1999, nº 11, p. 5–16 (tradução de Glais
- FERREIRO, E. (org.). **Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Cortez, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GAGLIARDI, Eliana; AMARAL, Heloisa. **Trabalhando com os gêneros do discurso: narrar: conto de fadas.** São Paulo: FTD, 2001.
- JUNG, Neiva Maria. **Identidades Sociais na Escola: gênero, etnicidade, língua e as práticas de letramento em uma comunidade rural multilíngüe.** Tese de Doutorado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.Porto Alegre/ RS.

- KLEIMAM, Âgela. (1997). **Texto e leitor: aspectos cognitivos de leitura** – 5ª edição – Pontes – São Paulo.
- KOCHE, Ingdore Grufeld Vilaça .(2009). **O texto e a construção dos sentidos para a leitura do mundo**. São Paulo, Editora Ática (2009).
- LERNER, Délia. **Ler e Escrever na Escola: O Real, O Possível e o Necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Cejup, 1995. saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MARCUSCHI, L. A. (2000). **Gêneros textuais: o que são e como se constituem**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. (memeo)
- MARCUSGHI, Luiz Antônio. **Da Fala para a Escrita: Atividade de retextualização**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Portuguesa (BRASIL, 1997)
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – TEMAS TRANSVERSAIS MECD – SEF – Equipe Central, terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental, Brasília, 1999.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS DE LÍNGUA PORTUGUESA, Vol II, Primeiro e Segundo Ciclos do Ensino Fundamental. Brasília/DF: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental/Programa Fundescola, 1998.
- PCN`S de Língua Portuguesa: a pratica em sala de aula” / Eliana Viana Brito, José Miguel de Matos e Harumi Pisciota.
- ROCHA, Ruth. **O velho, o menino e o burro e outras histórias caipiras**. São Paulo: FTD, 1993.
- ROJO, R. H. R. **A concepção de leitor e produtor de textos nos PCN: “Ler é melhor do que estudar”**. In: M. T. A. Freitas & S. R. Costa (orgs.). *Leitura e Escrita na Formação de Professores*. São Paulo: Musa/UFJF/Inep-Comped, 2002, pp. 31-52.
- ROJO, Roxane Helena Rodrigues. (1997b). **Enunciação e Interação na ZPD: do non sense à construção dos gêneros de discurso**. *Anais do Encontro sobre teoria e pesquisa em Ensino de ciências: linguagem, cultura e cognição reflexões para o ensino de ciências*. Belo Horizonte, MG, Fé-UFMG/Unicamp, p. 95–109.
- SCHNEUWLY B. & DOLZ, J. (1997). **Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino**. *Revista Brasileira de Educação*, Mai/jun/jul/ago, 1999, no 11, p. 5–16.
- SCHNEUWLY, B. & J. Dolz. **Os gêneros escolares - Das práticas de linguagem aos objetos de ensino**. *Repères*, 15, 1997. Tradução a sair em Roxane Rojo e Gláís Cordeiro

(orgs.) Gêneros orais e escritos na escola – Textos de Schneuwly & Dolz. Campinas: Mercado de Letras (no prelo).

- SMOLKA, A. L. B. **A criança na fase inicial da escrita - a alfabetização como processo discursivo**. São Paulo: Cortez, 1988.

- SOARES, Magda.(2006). **Letramento. Um tema em três gêneros**. Belo Horizonte, 2ª edição.

- SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Porto alegre: Artemed, 1998.

- SOUSA, Inglês de. **Contos Amazônicos**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005.

- VYGOTSKY, L. S. (1934/1998). **Pensamento e Linguagem**. Tradução de Jefferson Luís Camargo, 2ª Ed., São Paulo, Martins Fontes, 1998.

_____. Et alli.. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. (1988)

_____. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone Sales Cord.São Paulo: 1998.

ANEXO 1 – LENDAS AMAZÔNICAS¹

O BOTO



O boto é um rapaz belo, de andar desajeitado e que usa roupas, chapéu e sapatos brancos, cobre parte do rosto e tem um buraco no alto da cabeça. O boto, segundo a lenda, costuma aparecer nas festas ou à beira de trapiches. Gosta de moças ingênuas, de preferência virgem ou menstruada, é um sujeito caladão e sinistro que tem o poder de encantar as moças novas, que ao primeiro olhar se apaixonam. Depois de conseguir o que quer, o boto corre e mergulha no rio ou igarapé. Muitas meninas do interior que engravidam se aproveitam da lenda e atribuem sua gravidez ao boto.

O CURUPIRA

1 Lendas disponíveis no site Google - [HTTP://bethccruz.blogspot.com.br/2009/03/lendas-da-amazonia.htm](http://bethccruz.blogspot.com.br/2009/03/lendas-da-amazonia.htm)



Na lenda o Curupira é descrito como um menino baixinho, cabelos cor de fogo e pés virados para trás, o protetor da mata e dos habitantes locais. O Curupira tem por hábito sentar-se a sombra das mangueiras para comer os frutos e quando avistado por alguém sai em disparada em uma velocidade estonteante. Apesar de ser o protetor da mata e dos habitantes locais, o curupira costuma se encantar por crianças pequenas, que são levadas embora e devolvidas após 7 anos.

Além de encantar crianças, o Curupira possui o dom de encantar adultos, caçadores que após o encantamento ficam a andar em círculos perdido dentro da mata. Segundo a lenda, para quebrar esse encanto, o caçador deve parar de andar, pegar um pedaço de cipó e fazer um bolinha, como um novelo escondendo a ponta de maneira que não possa ser desenrolado e depois pegar a bolinha bem longe e gritar: "quero ver tu achares a ponta", muito curioso, o Curupira sai a procura do novelo. Assim o encanto será quebrado e a pessoa consegue sair da mata



A Lenda da Vitória Régia, conta que uma índia chamada Naiá, ao contemplar a lua (Jaci) que brilhava no céu apaixonou-se por ela. Segundo contava os índigenas, Jaci descia a terra para buscar alguma virgem e transformá-la em estrela do céu. Naiá ao ouvir essa lenda, sempre sonhava em um dia virar estrela ao lado de Jaci. Assim todos os dias, Naiá saía de casa para contemplar a lua e aguardar o momento da lua descer no horizonte e sair correndo para tentar alcançar a lua. Todas as noites Naiá repetia essa busca na tentativa de alcançar a lua, até que um dia adoeceu, triste com a indiferença de Jaci, começou a ficar cada dia mais doente, mas não desistia de seu sonho. Um dia Naiá, muito fraca corre mais uma vez para tentar alcançar a lua, nessa noite Naiá cai na mata e quando acorda vê o reflexo da lua nas águas do igarapé, sem exitar mergulha na água e se afoga. Mas Jaci se sensibiliza com o esforço de Naiá e a transforma na grande flor do Amazonas, a Vitória Régia, que só abre suas pétalas ao luar.



Nas terras de Roraima havia uma montanha muito alta onde um lago cristalino era expectador do triste amor entre o Sol e a Lua. Por motivos óbvios, nunca os dois apaixonados conseguiam se encontrar para vivenciar aquele amor. Quando o Sol subia no horizonte, a lua já descia para se pôr. E vice-versa. Por milhões e milhões de anos foi assim. Até que um dia, a natureza preparou um eclipse para que os dois se encontrassem finalmente. O plano deu certo. A Lua e o Sol se cruzaram no céu. As franjas de luz do sol ao redor da lua se espelharam nas águas do lago cristalino da montanha e fecundaram suas águas fazendo nascer Macunaíma, o alegre curumim do Monte Roraima.

Com o passar do tempo, Macunaíma cresceu e se transformou num guerreiro entre os índios Macuxi. Bem próximo do Monte Roraima havia uma árvore chamada de "Árvore de Todos os Frutos" porque dela brotavam ao mesmo tempo bananas, abacaxis, tucumãs, açais e todas as outras deliciosas frutas que existem. Apenas Macunaíma tinha autoridade para colher as frutas e dividi-las entre os seus de forma igualitária.

Mas nem tudo poderia ser tão perfeito. Passadas algumas luas, a ambição e a inveja tomariam conta de alguns corações na tribo. Alguns índios mais afoitos subiram na árvore, derrubaram-lhe todos os frutos e quebraram vários galhos para plantar e fazer nascer mais árvores iguais àquela.

A grande "Árvore de Todos os Frutos" morreu e Macunaíma teve de castigar os culpados. O herói lançou fogo sobre toda a floresta e fez com que as árvores virassem pedra. A tribo entrou em caos e seus habitantes tiveram que fugir. Conta-se que, até hoje, o espírito de Macunaíma vive no Monte Roraima a chorar pela morte da "Árvore de todos os frutos".

LENDA DA COBRA GRANDE



A lenda da cobra Honorato ou Norato é uma das mais conhecidas sobre cobra grande (ou boiúna) na região amazônica. Conta-se que uma índia engravidou da Boiúna e teve duas crianças: uma menina que se chamou de Maria e um menino chamado de Honorato. Para que ninguém soubesse da gravidez, a mãe tentou matar os recém-nascidos jogando-os no rio. Mas eles não morreram e nas águas foram se criando como cobras. Porém, desde a infância os dois irmãos já demonstravam a grande diferença de comportamento entre eles. Maria era má, fazia de tudo para prejudicar os pescadores e ribeirinhos. Afundava barcos e fazia com que seus tripulantes morressem afogados. Enquanto seu irmão, Honorato, era meigo e bondoso. Quando sabia que Maria ir atacar algum barco, tentava salvar a tripulação. Isso só fazia com que ela o odiasse mais ainda. Até que um dia os irmãos travaram uma briga decisiva onde Maria morreu tendo antes cegado o irmão.

Assim, as águas da Amazônia e seus habitantes ficaram livres da maldade de Maria. E Honorato seguiu seu caminho solitário. Sem ter quem combater, Honorato entendeu que seu fado já havia sido cumprido até demais e resolveu pedir para ser transformado em humano novamente. Para isso, precisava que alguém tivesse a coragem de derramar "leite de peito" (leite de alguma parturiente) em sua enorme boca em uma noite de luar. Depois de jogar o leite a pessoa teria que provocar um sangramento na enorme cabeça de Honorato para que a transformação tivesse fim.

Foram muitas as tentativas, mas ninguém conseguia ter tanta coragem. Até que um soldado de Cametá, município do interior do Pará, conseguiu reunir coragem para fazer a

simpatia. Foi ele quem deu a Honorato a oportunidade de se ver livre para sempre daquela cruel maldição de viver sozinho como cobra. Em agradecimento, Honorato virou soldado também.

Mas a lenda da cobra grande originou várias outras histórias. Uma delas, do estado de Roraima, tem como cenário o famoso rio Branco. Conta-se que a cunhã poranga (índia mais bela da tribo) apaixonou-se pelo rio Branco e, por isso, Muiraquitã ficou com ciúme. Para se vingar, Muiraquitã transformou a bela índia na imensa cobra que todos passaram a chamar de Boiúna. Como ela era tinha um bom coração, passou a ter a função de proteger as águas de seu amado rio Branco.

Existem ainda algumas crenças que buscam explicar a existência de cobras grandes na região Amazônica. Acredita-se, por exemplo, que quando uma mulher engravida de uma visagem a criança fruto desse terrível cruzamento está predestinada a ser uma cobra grande. Essa crença é bastante comum entre as populações que habitam as margens dos rios Solimões e Negro, no Amazonas. Há ainda quem acredite que a cobra grande pode nascer de um ovo de mutum. Existe ainda outra versão, mais comum no estado do Acre, sobre uma cobra grande que parece ser a versão feminina do boto. Segundo essa lenda, a cobra grande se transforma numa bela morena nas noites de luar do mês de junho para seduzir os homens durante os arraiais de festas juninas.

Há ainda os que contam que a cobra grande pode algumas vezes parecer um navio para assustar os ribeirinhos. Refletindo o luar, suas enormes escamas parecem lâmpadas de um navio todo iluminado. Mas quando o "navio" chega mais perto é possível ver que na verdade é uma cobra grande querendo dar o bote. Em Belém, há uma velha crença de que existe uma cobra grande adormecida embaixo de parte da cidade, sendo que sua cabeça estaria sob o altar-mor da Basílica de Nazaré e o final da cauda debaixo da Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Outros já dizem que a tal cobra grande está com a cabeça debaixo da Igreja da Sé, a Catedral Metropolitana de Belém, e sua cauda debaixo da Basílica de Nazaré. Os mais antigos dizem que se algum dia a cobra acordar ou mesmo tentar se mexer, a cidade toda poderá desabar. Por isso, em 1970 quando houve um tremor de terra na capital paraense falava-se que era a tal cobra que havia apenas se mexido. Os mais folclóricos iam mais longe: "imagine se ela se acorda e tenta sair de lá!".

O folclorista Walcyr Monteiro conta, após décadas de estudo sobre manifestações folclóricas da Amazônia, que em Barcarena (PA) existe o lugar conhecido como "Buraco da Cobra Grande", considerado atração turística do local.

MATINTA PEREIRA



Não existe consenso a respeito de matita pereira ser um pássaro ou uma velha. O fato é que Matita possui um assobio inconfundível, que o caçador ao ouvir não tem dúvidas de ser ela. Matita, segundo a lenda sai a noite sobrevoa a casa daquele que zombou dela ou que a maltratou durante o dia, assombrando e assustando as criações de animais ou cachorros. Matita gosta de mascar tabaco, um ponto fraco usado por aqueles que querem descobrir a identidade de Matita. Segundo a lenda, quando alguém ouve o assobio de Matita na mata logo grita bem alto: "Vem buscar tabaco!". no dia seguinte, nas primeiras horas da manhã Matita bate a porta da pessoa para buscar o tabaco prometido. A pessoa se assusta e logo procura um pedaço de fumo para ofertar a Matita, caso a pessoa não der, matita volta a noite para assombrar a casa não deixando ninguém dormir.

Algumas lendas contam que caçadores que encontraram matita no meio da mata, descreveram matita como uma mulher velha com cabelos compridos e despenteados e que tem o corpo suspenso, flua com os braços levantados. Quem a ver fica paralizado de pavor.

Uma outra lenda a respeito de Matita Pereira, diz que quando Matinta pressente sua morte, elasai vagando pela noite e gritando: "quem quer? Quem quer?, quem responder "eu quero", fica coma maldição de virar Matinta.

MONTE RORAIMA



Os índios Macuxi contam que antigamente, no local onde hoje existe o Monte Roraima, existiam apenas terras baixas e alagadiças, cheias de igapó. As tribos que viviam naquela área não precisavam disputar comida, pois a caça e a pesca eram fartas.

Uma vez, nasceu um belo pé de bananeira. E a árvore era algo inédito na região. A estranha planta cresceu muito rápido e deu belíssimos e apetitosos frutos. Os pajés então avisaram que aquele vegetal era na verdade um ser sagrado e que como tal seus frutos eram proibidos para qualquer pessoa da tribo. Os pajés avisaram ainda que caso alguém desobedecesse a regra e tentasse comer uma fruta daquelas, desgraças terríveis aconteceriam: a caça se tornaria rara, as frutas secariam e até a terra iria tomar um formato diferente. Era permitido comer de tudo, menos os frutos da bananeira sagrada. Todos passaram a temer e a respeitar as ordens dos pajés. Mas houve um dia em que, ao amanhecer, todos correram para ver com espanto a primeira desgraça de muitas que ainda estavam por vir: um cacho da bananeira havia sido decepado. Todos se perguntavam, mas ninguém sabia dizer quem poderia ter feito aquilo. Antes que tivessem tempo para descobrir o culpado, a previsão dos mais velhos começou a acontecer. A terra começou a se mover e os céus tremiam em trovões. Todos os animais, da terra ou do céu, bateram em retirada. Um dilúvio começou a despencar e

um enorme monte começou a brotar rasgando aquelas alagadas terras. E foi assim que nasceu o Monte Roraima. É por tudo isso que, até os dias de hoje, acredita-se que o monte Roraima chora quando de suas pedras caem pequenas gotas de água cristalina.

LENDA DA MANDIOCA



Todos os índios tem pele morena. Uns mais, outros menos, de acordo com cada região e com a nação a qual pertencem. Apenas Mani nasceu diferente. Era branca como o leite e tinha os cabelos mais amarelos que as espigas de milho maduras.

Muito antes de nascer, o cacique já havia sido avisado de sua vinda. Em sonhos, um espírito branco havia contado que eles ganhariam um presente sagrado de Tupã. Quando nasceu, Mani, apesar de tão diferente, não chegou a causar espanto, mas encanto! Todos queriam vê-la e tocá-la, pois ela era um presente vindo de Tupã. E por ser diferente, chamava muita atenção. Todos diziam que ela era a mais bela índia que havia nascido na terra. Na tribo era tratada com uma jóia, uma coisa rara que eles deveriam preservar.

Mas tanto cuidado não evitou que Mani adoecesse como qualquer outra criança. Não teve reza nem remédio do pajé que desse jeito. A índia branca, para a desolação de todos, veio a morrer. Aos prantos, a tribo escolheu um local bem bonito para depositar o alvo corpo de Mani. E todos os dias, aqueles que tinham saudades, iam ao túmulo. Com o tempo, veio a

Primavera. As flores e plantas novas começaram a brotar. Um dia alguém notou que onde Mani foi enterrada nasceu uma planta que ninguém conhecia. Ela era tão estranha quanto Mani quando nasceu. Todos ficaram felizes e todas as manhãs regavam o pequeno vegetal que crescia cada vez mais. Um dos índios cavou ao lado da planta e encontrou a raiz que mais parecia um caroço, um nódulo, uma batata. Partindo o pedaço da raiz viram que dentro era tão branco quanto a pequena Mani. Era como se a criança tivesse voltado naquele estranho vegetal de raiz esquisita. Por isso, deram-lhe o nome de "Mani oca", ou "carne de Mani". Depois a palavra acabou virando Mandioca como a conhecemos atualmente.



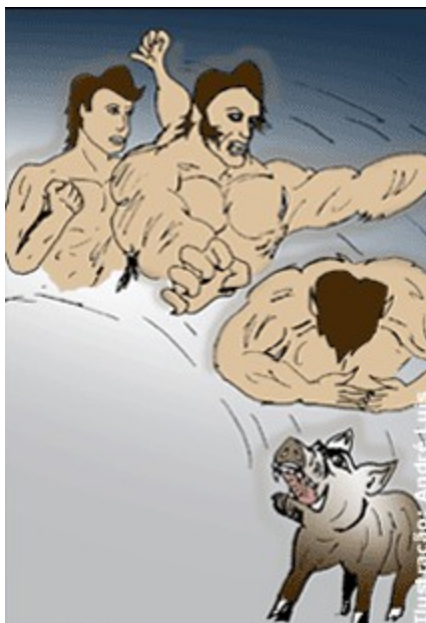
Uma das características mais marcantes do Mapinguari é o odor insuportável que ele exala na mata. Os caboclos o descrevem como um bicho semelhante a um homem com o corpo coberto de pêlos, como um grande macaco, e com apenas um olho bem no meio da testa. Dizem também que a boca do Mapinguari é algo descomunal; tão grande que não termina no queixo, como a dos homens, mas na barriga. A pele dessa figura mitológica é descrita como parecida ao couro dos jacarés e ele tem nas costas uma espécie de armadura que se parece com um casco de tartaruga.

Ao contrário das outras visagens, o Mapinguari ataca mais durante o dia do que à noite. E há também os que dizem que o Mapinguari só aparece em dias santos. Dentro da mata, é fácil perceber o rastro de um Mapinguari: os arbustos ficam quebrados e o mato todo esmagado. Ao correr no meio da mata o Mapinguari solta gritos, da mesma forma como os caçadores fazem para se comunicarem uns com os outros. Ele faz isso para atrair a atenção dos caçadores e poder devorá-los com sua boca imensa. E dizem que começa pela cabeça da vítima!



Mãe D'Água, Iara, Uiara ou Ipupiara é uma lenda popular da Amazônia. Iara é uma bela mulher, que possui um canto muito bonito e sedutor e que costuma banhar-se em nas enseadas ou nas águas dos rios. Segundo a lenda, o homem que vê Iara jamais esquece e enlouquecem de desejo a ponto de segui-la para onde ela for até mesmo para as profundezas dos rios onde existe o seu reino.

Existem relatos na mitologia, de que certos homens foram levados pela Iara ao fundo do mar e conheceram um reino de belezas inigualáveis, porém, de lá não podem trazer nada, sob o risco de ser castigado com doenças que só podem ser curadas por uma benzedeira.



Até mesmo nas periferias de algumas capitais da Amazônia, não é difícil ouvir histórias de gente que vira bicho. Imaginem no interior!

Tem gente que vira cavalo, porco, cobra, cachorro e assim vai. São pessoas que em noite de luar bonito se isolam da sociedade para cumprir seu destino solitário. Cumprido o fado, o bicho volta a ser gente, veste suas roupas que ficaram escondidas em algum local ermo e volta para casa, como se nada tivesse acontecido, mas com apenas uma certeza no coração: na próxima noite de lua, o destino lhe baterá à porta novamente, até o final da vida.

A constante nessas histórias é o fato de que, o bicho-gente quando atingido de forma fatal, novamente se transforma em humano. Por isso, dizem que a única cura para o triste sofrimento de quem vira bicho é a morte. À boca pequena, as pessoas que viram bicho em geral são descritas como muito pálidas, "amarelonas" no linguajar popular. Também são muito caladas, talvez por temerem a revelação do fatídico segredo. Há quem diga ter presenciado a transformação. Para ver uma cena dessas, dizem os caboclos, tem que ter muita coragem ou ser muito curioso, pois não é nada bonito de se ver. O ser, ainda em estado humano, retorce o corpo caído ao algum local escondido, amargando o cruel sofrimento que está por vir. A transformação pode ocorrer nas areias de alguma praia, no mato ralo à beira de alguma estrada ou em clareiras dentro de mata fechada, as chamadas capoeiras. Depois de muito se bater no chão, a transformação começa a acontecer e o bicho se levanta. Corre 7 encruzilhadas a judiar de todos por onde passa. Por isso mesmo, ganha

inimizades a cada lua. Até que a comunidade se revolta contra o estranho animal e se combina para lhe abater. É o final de uma vida de sofrimentos e angústias.

LENDA DO GUARANÁ



Entre os Índios Maués nasceu um menino muito bonito, de bom coração e de inteligência fabulosa. Como era muito esperto e alegre todos na tribo o admiravam. Jurupari, o espírito do mal, ficou com inveja da criança e passou a espreitar para acabar com sua vida. A tarefa não era das mais fáceis, já que os outros índios sempre estavam à sua volta, principalmente os mais velhos que se sentiam na obrigação de protegê-lo. Mas Jurupari não sossegaria até fazer o mal ao pequeno. Num dia, o menino brincando acabou se afastando dos outros índios. Encontrou uma árvore e tentou colher uma fruta. Jurupari se aproveitou e, na forma de uma cobra, deu o bote sobre a criança, matando-o. A noite chegou e deram por falta da criança. Começou a procura por toda a tribo. Até que o encontraram morto aos pés da árvore. A notícia logo se espalhou com a tristeza geral na tribo. Todos lastimavam a inusitada morte da criança mais amada de toda a tribo dos Maués. Chorou-se por várias luas ao lado do corpo inerte.

Num dado momento durante o funeral, um raio caiu justamente ao lado do garoto morto. "Tupã também chora conosco", disse a mãe da criança, "vamos plantar os olhos de

meu filho para que deles possa nascer uma planta que nos trará tanta felicidade quanto o menino em vida nos trouxe". E assim fizeram!

Foi assim que dos olhos do pequeno índio nasceu o guaraná, fruta viva e forte como a felicidade que o pequeno indiozinho dava aos seus irmãos.

COBRA NORATO MARCHA SOLDADO

Num dia enquanto se refrescava no rio uma cunha, sentiu o roçar da Cobra Grande e depois de nove meses, nasceram gêmeos. Mas não eram curumins: eram duas cobras que receberam o nome de Honorato e Maria.

Honorato era amigo do povo ribeirinho, enquanto Maria era malvada e por isso era chamada de Maria Caninana. A todas as maldades da irmã, Honorato conseguia livrar seus amigos. Honorato à noite sempre visitava sua mãe; escondido num canto livra-se da pele de cobra e virava um bonito moço. Numa dessas visitas a mãe conta-lhe que poderia ser homem para sempre se encontrasse um rapaz valente que despejasse leite de peito de moça parida na boca da Cobra Grande. Honorato muito procurou até que achou um rapaz fardado que o ajudou sem pensar e desde esse dia, transformado em moço, ele decidiu ser soldado. A única memória que sobrou da vida de cobra é que, quando o ex-Cobra Norato marchava, seu passo meio que serpenteava pelo chão.

CEUCI, A VELHA GULOSA



Ceuci era uma velha gulosa, feiticeira a quem a fome não dava trégua. Um dia o índio Anambé em suas pescarias a enfrentou e acabou sendo pego por ela. Chegando em casa Ceuci deixou sua “pesca” e foi armar o moqué, para assar o moço, enquanto isso a cunha filha da feiticeira salva o pobre índio e ele foge. Ceuci saiu em sua perseguição, mas o esperto rapaz consegue com a ajuda dos seus amigos animais, fugir e voltar para casa depois de muitos anos encontrando o “colo” da sua mãe.

BAHIRA, O PAJÉ QUE ROUBOU O FOGO

No passado não havia fogo na tribo dos Kawahiwas e o dia-a-dia das mulheres era uma luta, então resolveram chorar suas mazelas junto ao pajé Bahira que resolveu sair em busca do fogo. Sabia que quem o tinha eram os urubus, fingiu então estar morto e quando eles se aproximaram pensando em banquetear-se Bahira roubou o fogo e fugiu tão rápido que conseguiu escapar. Para seu desespero entre a aldeia e o fogo ficava um rio bem largo e mesmo pedindo ajuda a muitos animais só o sapo Cururu é que conseguiu levar o fogo para a aldeia.

BOITATÁ



O Boitatá é o protetor dos campos iluminando a noite, conhecido como a cobra de fogo, possui os olhos grandes e furados e sua figura assusta as pessoas e os animais. É contra os que incendeiam as florestas. Esta serpente de fogo reside na água e é muito temido, muitas vezes aparece nos campos sob a forma de um fantasma transparente e branco tornando-se mais assustador quando ilumina os campos com sua própria luz, assustando as pessoas e os animais. O Boitatá quando morre, acredita-se que ele libere toda a luz de seu corpo que levada pelo vento espalha-se pela região onde ele habitava.

CAIPORA



No mato este habitante morador é um pequeno indígena que usa uma tanga, doido por cachaça e apaixonado pelo fumo, usa um cachimbo, sua aparência assemelha-se ao Curupira, tendo os pés normais, este é protetor dos animais e da floresta. Consiste sua atividade maior em espantar os animais para não morrer na mão do caçador e este quando encontra um caçador no mato procura andar sem rumo para que o caçador fique perdido na floresta e não encontre o caminho de volta para casa. Este pequeno índio muito ligeiro, possui o corpo cheio de pêlos, daí a razão do caçador não conseguir alcançá-lo, andando sempre montado em um porco e na floresta galopando velozmente procurando cumprir sua missão. O Caipora emite um som estridente causando arrepios e pavor a todos os que o escutam. Em algumas regiões do Brasil o Caipora é conhecido como o Curupira.

Este gênio da floresta da mitologia do tupi muito ágil e fumante procura deixar as pessoas infelizes nos negócios daí a expressão nordestina Caipora, quer dizer falta de sorte. Este ligeiro menino que possui os olhos de brasa, e costuma cavalgar em um porco. É um caboclinho encantado, habitante da floresta e costuma ressuscitar os animais mortos sem sua permissão, este mito tupi-guarani é muito antigo no Brasil. O Caipora costuma fugir da claridade e é um gênio da floresta, costuma envolver o homem de maneira perigosa preservando a flora e a fauna.

A LENDA DO AÇAÍ



Há muito tempo atrás, quando ainda não existia a cidade de Belém, vivia neste local uma tribo indígena muito numerosa. Como os alimentos eram escassos, tornava-se muito difícil conseguir comida para todos os índios da tribo. Então o cacique Itaki tomou uma decisão muito cruel. Resolveu que a partir daquele dia todas as crianças que nascessem seriam sacrificadas para evitar o aumento populacional de sua tribo. Até que um dia a filha do cacique, chamada IAÇÃ, deu à luz uma bonita menina, que também teve de ser sacrificada. IAÇÃ ficou desesperada, chorava todas as noites de saudades de sua filhinha. Ficou vários dias enclausurada em sua tenda e pediu à Tupã que mostrasse ao seu pai outra maneira de ajudar seu povo, sem o sacrifício das crianças.

Certa noite de lua IAÇÃ ouviu um choro de criança. Aproximou-se da porta de sua oca e viu sua linda filhinha sorridente, ao pé de uma esbelta palmeira. Inicialmente ficou estática, mas logo depois, lançou-se em direção à filha, abraçando-a. Porém misteriosamente sua filha desapareceu. IAÇÃ, inconsolável, chorou muito até desfalecer. No dia seguinte seu corpo foi encontrado abraçado ao tronco da palmeira, porém no rosto trazia ainda um sorriso de felicidade e seus olhos negros fitavam o alto da palmeira, que estava carregada de frutinhas escuras. Itaki então mandou que apanhassem os frutos em alguidar de madeira, obtendo um vinho avermelhado que batizou de AÇAÍ, em homenagem a sua filha (IAÇÃ invertido). Alimentou seu povo e, a partir deste dia, suspendeu sua ordem de sacrificar as crianças.

A LENDA DO MUIRAQUITÃ



A lenda do Muiraquitã é considerada um verdadeiro amuleto da sorte, que consiste num sapinho feito de pedra ou argila, é geralmente de cor verde, que era confeccionado em jade. Os indígenas contam a seguinte lenda: que estes batráquios, que eram confeccionados pelas índias que habitavam às margens do rio Amazonas. As belas índias nas noites de luar em que clareava a terra se dirigiam a um lago mais próximo e mergulhavam em suas águas retirando do fundo do lago bonitas pedras que modelavam rapidamente e ofereciam aos seus amados, como um verdadeiro talismã que pendurado ao pescoço levavam para caça, acreditando que traria boa sorte e felicidade ao guerreiro. Conta a lenda que até nos dias de hoje muitas pessoas acreditam que o Muiraquitã trás felicidade e é considerado um amuleto de sorte para quem o possui.

O Muiraquitã apresenta também outras formas de animais, como jacaré, tartaruga, onça, mas é na forma de sapo a mais procurada e representada por ser a lenda mais original. As Icamiabas ofertavam a seus parceiros Guacaris, tribo mais próxima de nossas Amazonas, após o acasalamento na festa dedicada a Iaci, entidade considerada mãe do Muiraquitã e que anualmente durava dias. Conta a lenda, que depois de manterem relações sexuais, as Icamiabas mergulhavam até o fundo lo lago espelho da lua, nas proximidades das nascentes do rio Nhamundá, perto do qual habitavam as índias, nação das legendárias mulheres guerreiras que os europeus chamavam de amazonas (mulheres sem maridos), para receber de Iaci o famoso talismã, o qual recebia as bênçãos da divindade. A lenda diz também, que se dessa união nascessem filhos masculinos, estes seriam sacrificados, deixando sobreviver somente os do sexo feminino.

A LENDA DO TAMBA TAJÁ



Na tribo Macuxi havia um índio forte e muito inteligente. Um dia ele se apaixonou por uma bela índia de sua aldeia. Casaram-se logo depois e viviam muito felizes, até que um dia a índia ficou gravemente doente e paralítica. O índio Macuxi, para não se separar de sua amada, teceu uma tipóia e amarrou a índia à sua costa, levando-a para todos os lugares em que andava. Certo dia, porém, o índio sentiu que sua carga estava mais pesada que o normal e, qual não foi sua tristeza, quando desamarrou a tipóia e constatou que a sua esposa tão querida estava morta.

O índio foi à floresta e cavou um buraco à beira de um igarapé. Enterrou-se junto com a índia, pois para ele não havia mais razão para continuar vivendo.

Algumas luas se passaram. Chegou a lua cheia e naquele mesmo local começou a brotar na terra uma graciosa planta, espécie totalmente diferente e desconhecida de todos os índios Macuxis. Era a TAMBA TAJÁ, planta de folhas triangulares, de cor verde escura, trazendo em seu verso uma outra folha de tamanho reduzido, cujo formato se assemelha ao órgão genital feminino. A união das duas folhas simboliza o grande amor existente entre o casal da tribo Macuxi.

O caboclo da Amazônia costuma cultivar esta curiosa planta, atribuindo a ela poderes místicos. Se, por exemplo, em uma determinada casa a planta crescer viçosa com folhas exuberantes, trazendo no seu verso a folha menor, é sinal que existe muito amor naquela casa. Mas se nas folhas grandes não existirem as pequeninas, não há amor naquele lar. Também se a planta apresenta mais de uma folhinha em seu verso, acredita-se então que existe infidelidade entre o casal. De qualquer modo, vale a pena cultivar em casa um pezinho de TAMBA TAJÁ.

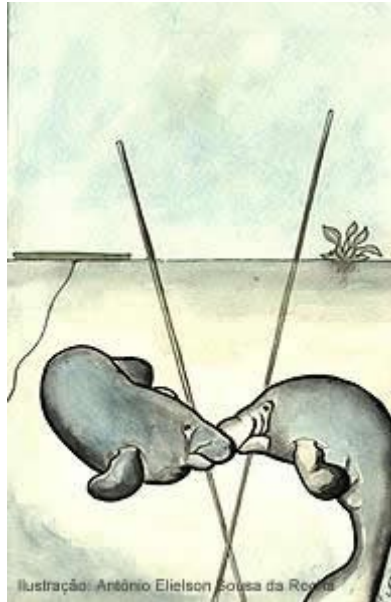
A LENDA DO UIRAPURU



Um jovem guerreiro apaixonou-se pela esposa do grande cacique. Como não poderia se aproximar dela, pediu à Tupã que o transformasse em um pássaro. Tupã transformou - o em um pássaro vermelho telha, que à noite cantava para sua amada. Porém foi o cacique que notou seu canto. Ficou tão fascinado que perseguiu o pássaro para prendê-lo. O Uirapuru voou para a floresta e o cacique se perdeu. À noite, o Uirapuru voltou e cantou para sua amada. Canta sempre, esperando que um dia ela descubra o seu canto e o seu encanto.

É por isso que o Uirapuru é considerado um amuleto destinado a proporcionar felicidade nos negócios e no amor.

A LENDA DO PEIXE BOI



Para explicar a origem do Peixe Boi os índios contavam uma lenda que dizia que em uma certa tribo indígena, habitante do vale do Rio Solimões, no Amazonas, foi realizada uma grande festa da moça nova e pela ação de Curumi. O pajé mandou que a moça nova e o Curumi mergulhassem nas águas do rio. Quando mergulharam o pajé jogou, em cima de cada um deles, uma tala de canarana. Quando voltaram à tona já haviam se transformado em PEIXE BOI.

A partir deste casal nasceram todos os outros peixes-boi. É por esse motivo que eles se alimentam de canarana.

A LENDA DA LUA

Outra lenda indígena conta sobre a origem da lua. Manduka namorava sua irmã. Todas as noites ia deitar com ela, mas não mostrava o rosto e nem falava, para não ser identificado. A irmã, tentando descobrir quem era, passou tinta de jenipapo no rosto de Manduka. Manduka lavou o rosto porém a marca da tinta não saiu. Então ela descobriu quem era. Ficou com vergonha, muito brava e chorou muito. Manduka também ficou com vergonha pois todos passaram a saber o que ele havia feito.

Então Manduka subiu numa árvore que ia até o céu. Depois desceu e foi dizer aos Jurunas que ia voltar pra árvore e não desceria nunca mais. Levou uma cotia pra não se sentir muito só. Aí virou lua. E é por isso que a lua tem manchas escuras, por causa do jenipapo que a irmã passou em Manduka. No meio da lua costuma aparecer uma cotia comendo coco. É a outra mancha que a lua tem.

A LENDA DOS RIOS



A origem dos rios Xingu e Amazonas também faz parte do imaginário indígena. Dizem que antigamente era tudo seco. Juruna morava dentro do mato e não tinha água nem rio. Juriti era a dona da água, que a guardava em três tambores.

Os filhos de Cinaã estavam com sede e foram pedir água para o passarinho, que não deu e disse: "Seu pai é Pajé muito grande, porque não dá água para vocês?" Aí voltaram para casa chorando muito. Cinaã perguntou porque estavam chorando e eles contaram. Cinaã disse para eles não irem mais lá que era perigoso, tinha peixe dentro dos tambores. Mas eles foram assim mesmo e quebraram os tambores. Quando a água saiu, Juriti virou bicho. Os irmãos pularam longe, mas o peixe grande que estava lá dentro engoliu Rubiatá (um dos irmãos), que ficou com as pernas fora da boca. Os outros dois irmãos começaram a correr e foram fazendo rios e cachoeiras. O peixe grande foi atrás levando água e fazendo o rio Xingu. Continuaram até chegar no Amazonas. Lá os irmãos pegaram Rubiatá, que estava morto. Cortaram suas pernas, pegaram o sangue e sopraram. Rubiatá virou gente novamente. Depois eles sopraram a água lá no Amazonas e o rio ficou muito largo. Voltaram para casa e disseram que haviam quebrado os tambores e que teriam água por toda a vida para beber.

A LENDA DO SOL

Para os índios o sol era gente e se chamava KUANDÚ. Kuandú tinha três filhos: um é o sol que aparece na seca; o outro, mais novo, sai na chuva e o filho do meio ajuda os outros dois quando estão cansados.

Há muito tempo um índio Juruna teria comido o pai de KUANDÚ. Por isso este queria se vingar. Uma vez Kuandú estava bravo e foi para o mato pegar coco. Lá encontrou Juruna em uma palmeira inajá. Kuandú disse que ele ia morrer, mas Juruna foi mais rápido acertando Kuandú com um cacho na cabeça. Aí tudo escureceu. As crianças começaram a morrer de fome porque Juruna não podia trabalhar na roça e nem pescar. Estava tudo escuro. A mulher de Kuandú mandou o filho sair de casa e ficou claro de novo. Mas só um pouco porque era muito quente para ele. O filho não aguentou e voltou para casa. Escureceu de novo. E assim ficaram os 3 filhos de Kuandú. Entrando e saindo de casa. Portanto, quando é seca e sol forte é o filho mais velho que está fora de casa. Quando é sol mais fraco é o filho mais novo. O filho do meio só aparece quando os irmãos ficam cansados.

A LENDA DE QUEM TE DERA

A lenda de Quem te dera teve sua origem no município de Irituia e pertence ao folclore desta cidade. Conta a lenda que uma mulher magra e com poderes sobrenaturais e com sua maldade, fazia com que os homens a servissem como cavalo, colocando-lhes cabresto e sela e que os mesmos percorressem grandes distâncias e sempre com ela montada nas suas costas. E aplicava um castigo ao homem que negava passar a noite em companhia desta terrível mulher. E esta maldosa mulher, costumava açoitar durante todo o percurso os homens que submetidos aos seus caprichos, sendo eles fortes ou não, eram encontrados no dia seguinte com o corpo todo marcado e dolorido pelos açoites da Quem te dera.

A LENDA DO PIRARUCU

A lenda do Pirarucu teve sua origem nas águas amazônicas e este peixe é um dos maiores peixes de escama do Brasil. E para explicar sua origem os índios costumam contar a seguinte lenda. O Pirarucu era um índio guerreiro da nação dos Nalas e que este jovem índio era muito valente e muito orgulhoso, vaidoso e injusto e gostava de praticar a maldade. Foi então que o Deus Tupã resolveu castigá-lo por todas as suas maldades e pediu a Deusa Luruauaçu que fizesse cair uma grande tempestade e assim aconteceu. Uma forte chuva caiu do céu sobre a floresta de Xandoré, o demônio que odeia os homens começou a mandar raios e trovões tornando a floresta toda eletrizada pelos fortes relâmpagos e o forte guerreiro chamado de Pirarucu encontrava-se na hora da chuva caçando na floresta e tentou fugir, mas não conseguiu, vencido pela força do vento caiu ao chão e um raio partiu uma árvore muito grande que caiu sobre a cabeça do jovem guerreiro, achatando-lhe totalmente. O jovem guerreiro teve seu corpo desfalecido, carregado facilmente pela enxurrada para as profundezas do rio Tocantins, mas na floresta Xandoré o Deus Tupã ainda não estava satisfeito e resolveu transformá-lo aplicando-lhe um castigo severo e transformou o jovem guerreiro num peixe avermelhado de grandes escamas e cabeça chata e é este peixe Pirarucu que habita os rios da Amazônia.

A LENDA DO ELDORADO

No século XVI exploradores se aventuraram pelo interior da Amazônia, buscando a todo custo, aquilo que chamavam de Eldorado... Os espanhóis colonizadores das Américas assim acreditavam. A cidade tinha até um nome: Manoa. E em consequência muitas expedições dirigiram-se a região, destacando-se a de Gonzalo, Pizarro e Francisco de Orellana. Como muitos objetos de ouro foram encontrados durante a conquista, os espanhóis achavam que ainda faltava encontrar o lugar de onde vinha o ouro. Na verdade, certo rei ou sacerdote do povo muísca em cerimônia anual de fundo religioso, onde tava o corpo com um óleo perfumado e era coberto de ouro em pó. Em seguida, numa jangada, ia banhar-se em um lago que uns acreditavam ser guatativa, na Colômbia e outros Parina, próximo ao rio Orenoco, e outros, ainda nas Guianas. Após mergulhar, seu povo jogava objetos de ouro em culto aos deuses...

E o Eldorado, será que não passa de lenda?

Quem conhece a Serra de Carajás e sabe que é a maior província mineral do mundo. Com 1500 toneladas de ouro no município de Curionópolis, não se tem a menor dúvida: O Eldorado existe. É no Pará.

A LENDA DAS AMAZONAS

Em 1541, após descer o afluente Napo e chegar ao então Mar Dulce, nome que Pinzon deu ao Rio Amazonas, eis que Francisco Orellana é atacado por uma tribo de mulheres que, no testemunho de Frei Gaspar Carvajal, “são muito alvas e altas, com o cabelo muito comprido, entrançado e enrolado na cabeça. São muito membrudas e andam nuas em pêlo, tapadas as suas vergonhas, com os seus arcos e flechas nas mãos, fazendo tanta guerra como dez índios”. Em seu relato Carvajal narra a seguir que embora abatessem vários índios que eram comandados pelas mulheres e mesmo algumas destas, os espanhóis se viram obrigados a fugir, tendo, porém capturado um índio. Este mais tarde, ao ser interrogado, declarou pertencer a uma tribo cujo chefe, senhor de toda a área, era súdito das mulheres guerreiras, que eram acompanhadas pela chefe Canhori. O prisioneiro, respondendo a várias perguntas do comandante, disse que as mulheres não eram casadas e que sabia existir setenta aldeias delas. Descreveu a casa das mulheres como sendo de pedra e com portas, sendo todas as aldeias bastante vigiadas. Disse ainda que elas pariam mesmo sem ser casadas porque, quando tinham desejo, levavam os homens de tribos vizinhas à força, ficando com eles até emprenharem, quando então os mandavam embora. Quando tinham a criança, se homem era morto ou então mandavam para que o pai o criasse, se era mulher, com elas ficavam e a menina era educada conforme as suas tradições guerreiras, seus hábitos e suas riquezas, pois tais mulheres possuíam muito ouro e prata.

ANEXO 2 – QUESTIONARIO DE LEVANTAMENTO DE DADOS

Questionário.

- -O que é Leitura para você?

- Você tem o hábito de ler?

- Qual sua opinião a respeito do reconto oral e escrito pautados nas Lendas Amazônicas, nas aulas de leitura?

- Qual a importância de se discutir aspectos referentes à Cultura nas Lendas Amazônicas?

- Em que as Lendas Amazônicas contribuíram na sua formação leitora?